

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

YONARA CRISTINA DE SOUZA DOS SANTOS

FONÉTICA E FONOLOGIA PRELIMINAR DA LÍNGUA  
OMÁGUA/KAMBEBA

Manaus  
2015

YONARA CRISTINA SOUZA DOS SANTOS

## ESTUDO FONOLÓGICO DA LÍNGUA OMÁGUA/KAMBEBA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de Concentração:** Estudos da Linguagem.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raynice Geraldine Pereira da Silva.

Manaus

2015

### Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Yonara Cristina de Souza dos  
S237f Fonética e fonologia preliminar da língua Omágua/Kambeba. /  
Yonara Cristina de Suza dos Santos. 2015  
77 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Raynice Geraldine Pereira da Silva  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Línguas indígenas. 4.  
Omágua/Kambeba. I. Silva, Raynice Geraldine Pereira da II.  
Universidade Federal do Amazonas III. Título

YONARA CRISTINA SOUZA DOS SANTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas como exigência parcial do processo de conclusão do curso de Mestrado, tendo como Área de Concentração *Estudos da Linguagem*, sob orientação da profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva.

Manaus, 22 de dezembro de 2015

## ESTUDO FONOLÓGICO DA LÍNGUA OMÁGUA/KAMBEBA

### BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva (UFAM)

---

Membro externo: Profa. Dra. Kátia Nepomuceno Pessoa (UFPE)

---

Membro interno: Prof. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso (UFAM)

---

Suplente: Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira (UFAM)

---

Suplente: Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco (UFAM)

MANAUS

2015

Ao povo Omágua/Kambeba.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as graças a mim concedidas, há razões que só a fé pode entender. Tudo é do Pai.

Aos meus pais Célia e Carlos pelo amor, apoio, incentivo em sempre estudar, me proporcionar todas as condições necessárias para que eu chegasse até aqui. Não foi nada fácil, teve muito sacrifício e muita renúncia, e nada que eu faça será suficiente para agradecer o tanto que fizeram e ainda fazem por mim. Amo muito vocês. Obrigada por tudo!

À minha família em Manaus e Boa Vista do Ramos, minha irmã Nayana, meus tios, tias, primos, primas e queridos avós Edna e Pedro. Mesmo na distância me incentivaram e se alegram com cada conquista minha, minha gratidão por cada um que sempre torceu e contribuiu para que eu chegasse até aqui. Grata a Deus por ter vocês ao meu lado desde que nasci.

À Marlete, Felipe e sua família Kambeba (Tuxaua Francisco Uruma, dona Teca, Larissa, Ju, as crianças da aldeia), sempre dispostos a colaborar com a pesquisa, por entenderem a sua contribuição e necessidade, por me receber e bem acolher em sua comunidade.

À minha orientadora Raynice, que me mostrou esse mundo cheio de descobertas maravilhosas, por ser uma pessoa humilde, querida e com um coração tão grande que não me deixou só, mesmo quando eu não merecia mais nada. Obrigada, Raynice! Minha admiração por você é do tamanho do Rio Amazonas.

Aos meus amigos da Paróquia São Pedro Apóstolo em Petrópolis, que juntos lutamos para construir o reino que começa aqui. Pessoas queridas que me apoiaram, se alegravam com cada passo dado, ao padre Hudson, agentes das diversas pastorais, em especial a pré-catequese, liturgia, grupo de dança e agentes da diaconia 11, vocês são amigos-irmãos maravilhosos, minha comunidade de fé viva.

Ao Cleverton, pelo cuidado, incentivo, apoio neste momento de formação, por entender o significado de fazer pós-graduação para quem veio do interior do Estado. Que nosso ser caboclo, nosso amor pelo Amazonas, “a pátria das águas”, nos alimente e nos fortaleça em nossa caminhada.

Aos colegas do PPGL Regina, Filipe, Ariela, Mayara, Sandra e Antônio, obrigada por partilhar o aprendizado, as angústias e por poder conviver com vocês.

Aos professores do PPGL, por todo conhecimento partilhado, por me mostrar os diversos caminhos para existentes para trilhar no curso e pela paciência em me orientar.

Aos professores do curso de Letras da UFAM.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, professora Ana Carla, Maria Luiza, Katia Nepomuceno, professor Mateus e Frantomé. Sou grata por todas as contribuições feitas, pela disponibilidade, ter aceitado o convite por todo conhecimento partilhado.

A CAPES pela bolsa, tão necessária para realização desta pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar e descrever preliminarmente a fonologia da língua Omágua/Kambeba, pertencente ao Tronco Tupi, família Tupi-guarani, falada por indígenas que atualmente estão distribuídos em cinco aldeias no estado do Amazonas, no Rio Solimões e no Rio Negro. O estudo da língua Omágua/Kambeba contribui para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras, especialmente para as línguas da região amazônica. O trabalho apresenta quatro capítulos, conclusão e referências. Utiliza-se a linguística descritiva e como todos os elementos de uma língua e suas relações entre si funcionam dentro do sistema. A descrição fonética e fonológica da língua segue basicamente os modelos de Pike (1947), Gleason (1978) e Katamba (1989), além os postulados de Kenstowicz (1994) para análise da estrutura silábica, e um estudo do acento em palavras simples.

**Palavras-chave:** Línguas indígenas; Omágua/Kambeba; Fonética e fonologia.

## ABSTRACT

This work aims to study and describe preliminarily the the phonology of the Omágua / Kambeba language, belonging to the Tupi Trunk, Tupi - Guarani family, spoken by indigenous that are currently distributed in five villages in the state of Amazonas, Rio Solimões and Rio Negro. The study of the Omágua / Kambeba language contributes to the knowledge of Brazilian indigenous languages, especially to the languages of the Amazon region. This dissertation presents four chapters, conclusion and references. Descriptive linguistics is used and how all the elements of a language and their relations to each other function within the system. The phonetics and phonological description of the language follows basically the models of Pike (1947), Gleason (1978) and Katamba (1989), besides the postulates of Kenstowicz (1994) for analysis of the syllabic structure, and a study of the accent in simple words.

Keywords: Indigenous languages; Omágua/Kambeba; Phonetic and Phonology.

## LISTA DE SÍMBOLOS, SIGLAS E ABREVIACÕES UTILIZADOS

[ ]	Representação Fonética
/ /	Representação Fonológica
σ	Estrutura Silábica
'	Acento Primário
~	Alternância Fonética e Fonológica
.	Fronteira Silábica
C	Consoante
CAA	Contraste em Ambiente Análogo
CAI	Contraste em Ambiente Idêntico
V	Vogal
At	Ataque
N	Núcleo
Co	Coda
R	Rima

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

Quadro 1 - Fones Consonantais .....	38
Quadro 2 - Fones Vocálicos .....	45
Quadro 3 - Fonemas consonantais.....	53
Quadro 4 - Fonemas vocálicos.....	56
Quadro 5 - Tabela de Hierarquia de Sonoridade.....	61

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização dos Omágua/Kambeba no séc. XX .....	14
Figura 2 - Omágua com cabeça chata.....	25
Figura 3 – Vestimenta Omágua .....	26
Figura 4 – Indígena Omágua/Kambeba com vestimenta tradicional .....	27
Figura 5 – Grafismos da cultura Omágua/Kambeba .....	32
Figura 6 – Língua Omágua/Kambeba no Tronco Tupi .....	33

## SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE SÍMBOLOS	
LISTA DE QUADROS	
LISTA DE FIGURAS	
INTRODUÇÃO.....	13
A língua Omágua/Kambeba: breve histórico.....	14
1 - POVO OMÁGUA/KAMBEBA E SUA LÍNGUA.....	24
1.1 Informações etnográficas.....	24
1.2 Classificação linguística.....	33
1.3 Metodologia da pesquisa.....	36
1.3.1. Coleta de dados.....	36
1.3.2. Análise de dados coletados.....	37
2 – DESCRIÇÃO FONÉTICA E ANÁLISE FONÊMICA DA LÍNGUA OMÁGUA/KAMBEBA.....	38
2.1.1 Oclusivos.....	39
2.1.2 Nasais.....	41
2.1.3 Tepe.....	42
2.1.4 Fricativas.....	42
2.1.5 Lateral.....	44
2.1.6 Aproximantes.....	44
2.2 Fones vocálicos.....	45
2.2.1 Vogais altas.....	45
2.2.2 Vogais médias.....	46
2.2.3 Vogais baixas.....	48
2.3 Análise fonêmica.....	49
2.3.1 Segmentos consonantais.....	50
2.3.1.1 Contraste.....	50
2.3.1.2 Distribuição complementar.....	52
2.3.1.3 Quadro de fonemas consonantais.....	53
2.3.2 Segmentos vocálicos.....	54

2.3.2.1 Contraste.....	54
2.3.2.2 Variação livre.....	55
2.3.2.3 Quadro de fonemas vocálicos.....	56
2.4 Processos morfofonêmicos.....	57
3 – ESTRUTURA DA SÍLBA.....	60
3.1 Hierarquia de sonoridade.....	61
3.2 Tipos e distribuição silábica.....	62
3.3 Silabificação.....	65
3.4 Glides.....	66
3.4.1 Sequências de segmentos em <i>Ataque</i> .....	67
3.4.2 Sequências de segmentos em <i>Coda</i> . ....	68
4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACENTO.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	74

## INTRODUÇÃO

O Brasil se apresenta como um país com grande diversidade de línguas indígenas. Segundo Rodrigues (2005) são cerca de 180 línguas faladas por cerca de diversos grupos étnicos. Apesar de apresentar grande diversidade, a proporção de falantes por língua não é equilibrada, já que há línguas com pouquíssimos falantes e outras com uma quantidade maior, ultrapassando 30 mil pessoas. Esse número já foi bem maior, pois aproximadamente 75% das línguas indígenas deixaram de ser faladas no país desde a colonização.

O desaparecimento desses povos e de suas línguas acarreta a perda da diversidade cultural e, por sua vez, da diversidade linguística do Brasil, fato esse que implica a não contribuição para as teorias linguísticas e também para o desconhecimento da diversidade cultural que o país apresenta. As línguas que sobreviveram estão extremamente ameaçadas de extinção, Rodrigues (2003) afirma que em algumas delas o número de falantes se reduz ainda mais com o passar dos anos e a língua não é passada às novas gerações por diversos motivos, seja pelo contato quando uma língua vai sendo substituída por outra língua indígena ou pela língua portuguesa, seja porque muitas línguas deixaram de ser faladas e foram tidas como extintas há muitos anos, porém:

“Há povos amazônicos que hoje têm um contingente populacional reduzido a poucas dezenas de pessoas, mas que não obstante isso mantêm um controle saudável de sua língua, que continua sendo sistematicamente a primeira de seus filhos. Populações pequenas podem manter-se demograficamente estáveis por várias gerações, como se observa em alguns povos do alto Xingu, ou podem mesmo, superadas as condições que determinaram sua redução, crescer substancialmente e afastar-se do risco de extinção”. (RODRIGUES, 2003, p. 275)

Como vimos, algumas línguas resistiram e ressurgem muito tempo depois, no uso e na memória de seus falantes, e podem ainda ser documentadas e analisadas.

Como a grande quantidade de línguas indígenas existentes, em especial na Amazônia, não corresponde ao número de trabalhos de análise, descrição e documentação, são necessários esforços que visem a descrição dessas línguas que correm o risco de desaparecer. Uma dessas línguas é o Omágua/Kambeba, que já foi considerada extinta no Brasil desde os primeiros séculos de colonização na Amazônia, mas que agora ressurgem na fala de uns poucos falantes Omágua/Kambeba que ainda mantêm viva a

língua e os costumes de seus antepassados. Nesse sentido, esta dissertação objetiva descrever aspectos da fonologia da língua Omágua/Kambeba (família Tupi-Guarani) falada por indígenas que habitam o estado do Amazonas em aldeias no Rio Solimões e no Rio Negro, mais especificamente a língua falada na aldeia Tururukari-Uka (que significa “casa de Deus”) no município de Manacapuru e que assim se autoafirmam pertencentes a etnia Omágua/Kambeba. Neste trabalho, utilizaremos “Omágua/Kambeba”, pois os indígenas referem-se a sua etnia ora como Omágua ora como Kambeba. Ressalte-se que o recorte de descrição da fonologia língua, devido a toda história etnográfica desse povo, é sincrônica, ou seja, a proposta é o estudo e a análise da fonologia da língua falada atualmente pelos indígenas desse grupo. Nesse sentido, pretende-se que este trabalho sirva de subsídio para produção de material didático à escola indígena Omágua/Kambeba e aos projetos de revitalização da língua já em andamento nas escolas dessas comunidades, como em Manacapuru na aldeia Tururukari-Uka com uma escola com o mesmo nome e na aldeia Três Unidos em que funciona a escola Kanata T-ykua, com professores indígenas ensinando a língua nos trabalhos de alfabetização.

Os Omágua/Kambeba são um desses povos que por muito tempo foram considerados extintos, pois deixaram de se autoafirmar como indígenas devido ao violento processo de contato com a sociedade majoritária, fato ocorrido não só com o povo Omágua/Kambeba, mas também por muitos povos da Amazônia desde o século XVIII. Já a partir da década de 1980, com o crescimento dos movimentos sociais indígenas influenciados pela Igreja Católica, por meio do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), e pela nova postura do Estado com as questões indígenas, o povo Omágua/Kambeba reafirmou sua origem indígena.

#### A língua Omágua/Kambeba: breve histórico

No estado do Amazonas são 744 indígenas (IBGE, 2010) que habitam quatro aldeias na região do médio Solimões, nos municípios de Maraã (Comunidade Jaquiri), Alvarães (Comunidade Igarapé Grande), Tefé (Comunidade Barreira do Meio), Coari (terra indígena Cajuhiri Atravessado), sabemos também que há uma aldeia no rio Cuieiras, afluente do Rio Negro, a 60 km de Manaus (Comunidade Três Unidos) com dezoito famílias, além da Aldeia Tururukari-uka, no município de Manacapuru, onde realizamos o estudo, totalizando seis comunidades do povo. Algumas famílias residem em Manaus e outras também no alto Solimões, o que leva os próprios Omágua/Kambeba

a afirmar que há muitas outras aldeias e uma população superior ao número oficial<sup>1</sup>. Como nação organizada, os Omágua/Kambeba estão em luta por seus direitos como terra, saúde e educação.

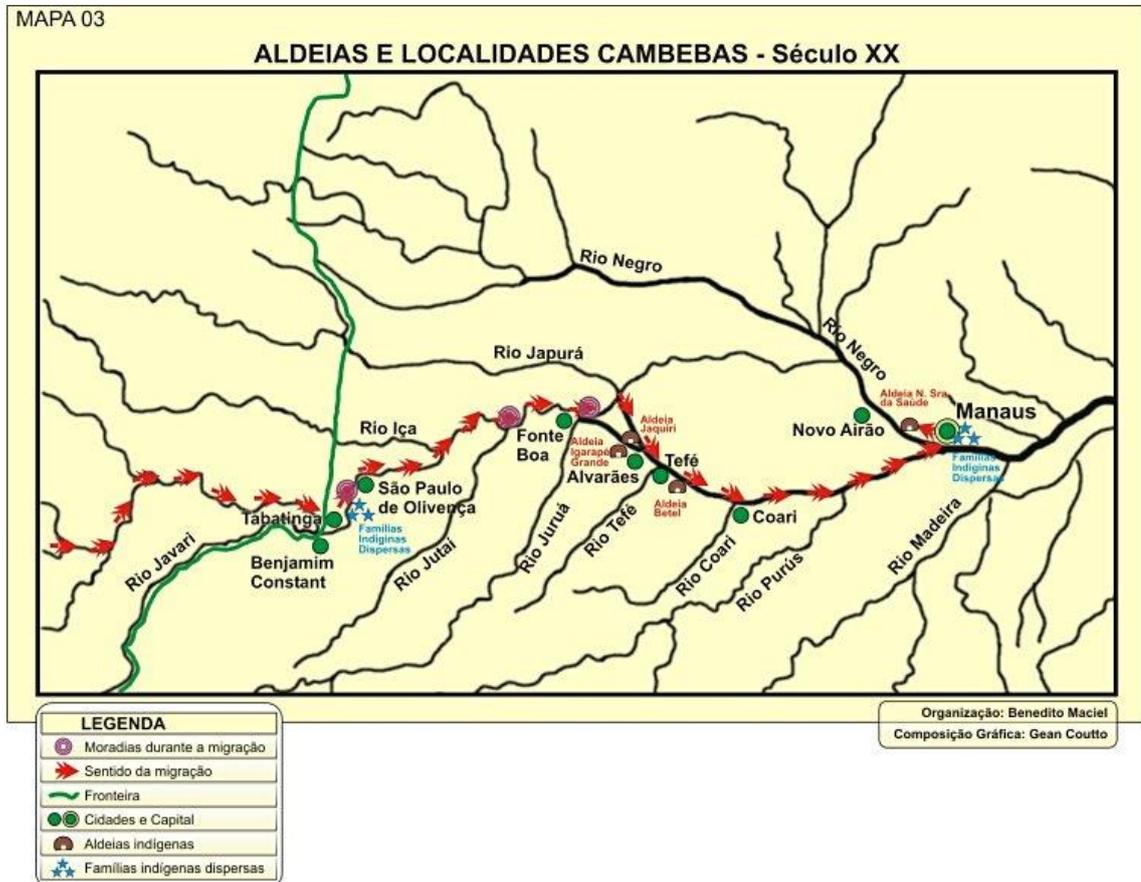


Figura 1 - Mapa de localização dos Omágua/Kambeba no século XX

Fonte: Instituto Socioambiental, disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kambeba/320>. Acesso em 14 nov. 2015.

O povo Omágua/Kambeba sabe que sua língua está extremamente ameaçada de desaparecer porque estão em número reduzido e muitos falam somente a língua portuguesa, a qual vem substituindo aos poucos a língua materna em algumas localidades onde residem, por este motivo reconhecem a importância da documentação e descrição não só como fonte de consulta, mas também como possível forma de preservação de sua língua e, conseqüentemente, de aspectos culturais ligados diretamente à linguagem, como alguns cânticos, rezas e outras manifestações culturais próprias dos Omágua/Kambeba.

<sup>1</sup> Oficialmente não há um estudo que indique a quantidade dessas famílias indígenas que residem nas cidades, objetivamos, portanto, fazer um levantamento quantitativo e sociolinguístico em um outro momento.

Em relação à educação escolar indígena há alguns avanços significativos. Nas escolas das seis comunidades a língua Omágua/Kambeba é ensinada pelos professores da própria comunidade como língua de transmissão de conhecimento.

O projeto denominado “Existimos sim”, idealizado e realizado pelos próprios Omágua/Kambeba, sob coordenação de Farney Tourinho, que pertence à etnia mas reside em Manaus, teve por objetivo revitalizar a língua materna para os indígenas que se reconhecem como Omágua/Kambeba, mas são falantes apenas do português e querem aprender sua língua indígena, e assim contribuir para o fortalecimento de sua identidade étnica. As oficinas aconteceram em Manaus durante sete meses e foram ministradas por Francisco Cruz e Danielle Kambeba. Na primeira fase do projeto participaram trinta e sete indígenas. Há o desejo, por parte dos indígenas, de retomar o projeto, porém até agora não encontraram meios para continuá-lo. O letramento aconteceu seguindo a metodologia utilizada do programa “Reescrevendo o futuro”<sup>2</sup>, do Governo do Estado, que tem por objetivo a alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Como acontece com outros povos indígenas, os materiais didáticos produzidos para serem usados na escola das comunidades na língua são insuficientes. Existe a cartilha “Aua Kambeba a palavra da Aldeia Nossa Senhora da Saúde”, produzido em 1999 por Iara Bonin<sup>3</sup> e Francisco Cruz, que contém um glossário preliminar de palavras da língua, algumas frases, cantos e pequenas histórias, além de imagens de alguns indígenas do povo Omágua/Kambeba. Como acontece com grande parte das comunidades do Amazonas, alguns professores Omágua/Kambeba fazem parte do Projeto Pirayawara<sup>4</sup>, que é um curso de formação de professores indígenas nas séries iniciais, oferecido pela Secretaria de Educação do Amazonas – SEDUC/AM, como forma de, através da educação e com o apoio público, preservar sua cultura e também sua língua.

Os materiais históricos e etnográficos sobre o povo Omágua/Kambeba são diversificados devido sua notória diferença na vestimenta, nos hábitos e costumes dos outros povos da região. São citados nos relatos dos viajantes e cronistas como povo das

---

<sup>2</sup> O programa de letramento “Reescrevendo o futuro” foi criado em 2003 pelo Governo do Estado e era executado por meio da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Conselho de Desenvolvimento Humano (CDH) com o objetivo de erradicar o analfabetismo em português no Amazonas e destinava-se a jovens e adultos (BREVES, 2013). Em 2013 o projeto foi substituído pelo programa “Amazonas alfabetizado”, executado pela Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. Disponível em < <http://www.educacao.am.gov.br/2013/02/programa-de-alfabetizacao-da-seduc-contemplara-30-municipios-do-amazonas/>>. Acesso em 14 nov. 2015

<sup>3</sup> Antropóloga, na época em pesquisa de mestrado da Universidade de Brasília no ano de 1999.

<sup>4</sup> Disponível em < <http://www.educacao.am.gov.br/educacao-escolar-indigena/>>. Acesso em 14 nov. 2015

águas, habitantes das terras de várzea. Em relação à língua, alguns aspectos gramaticais também foram registrados por missionários que os conheciam apenas como Omágua. A partir do século XX, os trabalhos descritivos da língua ou se voltam para os Omágua (falantes da língua) que ainda existem em quantidade maior no Peru ou para a língua Kokama, no Brasil, pois se acreditava que a língua Omágua/Kambeba não era mais falada e que seria possivelmente um dialeto do Kokama, fato esse hoje contestado pelo povo Omágua/Kambeba, que afirma ser a língua Omágua/Kambeba diferente da língua Kokama falada na mesma região.

Quanto à sua classificação genética, a língua Omágua/Kambeba está classificada como pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-guarani (RODRIGUES, 1986). Em muitos estudos já realizados sobre a língua Kokama, também pertencente ao tronco Tupi e membro da família Tupi-guarani, é possível constatar que há diferenças significativas entre o Kokama e a língua Omágua/Kambeba, apesar da proximidade genética entre elas. Em outros estudos (cf. CABRAL 1995, 2001), a língua Omágua/Kambeba é classificada como um dialeto do Kokama. Cabe ressaltar que, nesses estudos sobre a língua Kokama, fica subentendida uma classificação errônea em que muitas vezes a língua Omágua/Kambeba ou está classificada como sendo Kokama, ou seja, um dialeto ou simplesmente não sendo devidamente estudada, causando confusão na sua filiação como língua pertencente à família Tupi-guarani, do tronco linguístico Tupi.

Sobre os estudos da língua Omágua/Kambeba, no passado foram feitas algumas gramáticas e listas de palavras, trabalho escrito por missionários jesuítas como Lorenzo Hervás, alguns trabalhos comparativos feitos pelo padre Samuel Fritz em 1918, uma coletânea de palavras e frases coletadas pelo padre Jose Chantre y Herrera ([1768] 1901), além de alguns catecismos utilizados na época para a conversão desses povos, feitos pelo padre Manuel J. Uriarte (1952). Além de missionários, outros a coletar dados sobre a língua e publicar foram os naturalistas Castelnau em 1950, e Paul Marcoy, em 1866. O trabalho de Paul Rivet, em 1910, já mostrava que havia certas afinidades lexicais entre o Kokama e a língua Omágua/Kambeba, além de apontar, entre o Kokama e o Omágua/Kambeba, profunda afinidade com o Guarani brasileiro. A maioria desses trabalhos desapareceu, chegando até nós apenas a citação dos autores e a data de sua existência.

Nos estudos de Cabral (1995) há a afirmação de que a primeira descrição fonêmica da língua Kokama foi realizada por Norma Faust e Evelyn Pike, em 1958, ambas missionárias do Summer Institute of Linguistics (SIL). Ainda nos estudos de Cabral há a

informação sobre o primeiro dicionário feito por Lucas Espinosa, em 1989, que continha 1.434 itens lexicais em espanhol e 1.300 itens lexicais correspondentes em Kokama, cabe lembrar que Cabral, em seus estudos, não deixa clara a classificação genética e considera a língua Omágua/Kambeba variação dialetal do Kokama, como dito anteriormente.

Os trabalhos descritivos feitos por Cabral sobre as duas línguas (Omágua/Kambeba e Kokama) fazem uma classificação genética considerando que não há diferenças estruturais entre as duas línguas e as classificam como Kokama, ficando o Omágua/Kambeba um dialeto do Kokama. Contudo, os falantes da língua Omágua/Kambeba contestam essa informação e afirmam que há diferenças, sim, e que a língua Omágua/Kambeba nunca foi devidamente estudada para que se comprove tal afirmação. Nesses estudos há a descrição e a classificação apenas da língua Kokama (CABRAL,1995), que se baseia em Thomason e Kauffman (1988), e que é sobre a mudança induzida por contato linguístico. A dissertação de Cabral (1995) é sobre a origem não genética da língua Kokama/Omágua falada no Peru, classificada inicialmente como pertencente à família Tupi-guarani devido ao seu léxico, mas que difere muito de qualquer língua dessa família por sua gramática, diferença essa devido ao contato com muitas outras línguas de diferentes estruturas em um lugar no Peru, a *Provincia de Maynas* (atual região de Loreto), vilarejo de missões dos jesuítas onde indígenas de várias etnias conviviam, entre eles falantes de Tupinambá, do qual, de acordo com a autora, proveio o léxico, mas não a morfologia e a sintaxe. A autora utiliza o termo Kokama e, alternativamente, Omágua.

Cabe ressaltar que o contexto social dessas línguas, que se desenvolveu na *Provincia de Maynas*, sugere que os falantes das diversas etnias (entre eles, não falantes de tupi-guarani) precisavam de uma língua em comum para se comunicar. A língua escolhida pelos missionários foi o Kokama. Como os falantes não aprenderam o tupi-guarani de forma rápida nem a língua Kokama, o resultado da “mistura” dessas duas línguas mais a língua de cada etnia foi adotado como língua pelos Tupinambá. Além dessas línguas, o Kokama também possui traços do Português, Espanhol e do Aruak. Como se vê, a dissertação de Cabral (1995) objetiva apenas a comparação da fonologia, morfologia e sintaxe entre a língua Kokama e a língua Tupinambá, a pesquisa não teve como objetivo diferenciar geneticamente as línguas Kokama e Omágua/Kambeba.

Rodrigues e Cabral (2003) apresentam evidências sobre o processo de criouliização da língua Kokama, em suas análises consideram que a língua surgiu do contato entre falantes de línguas de origem genética diferentes em situações de

comunicação em que foi preciso entre eles um código comum sem que tivesse havido tempo suficiente para se aprender totalmente uma ou outra língua. Os autores então afirmam que houve o chamado crioulo abrupto<sup>5</sup>, pois não houve a fase anterior ao crioulo, ou o seja, o *pidgin*<sup>6</sup> (THOMASON e KAUFFMAN, 1988, p. 48 *apud* RODRIGUES e CABRAL, 2003).

Ainda nesse artigo, como dito anteriormente, a língua é considerada pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-guarani através da comparação de um vocabulário básico da língua, mesmo contendo também, no Kokama, palavras e morfemas de línguas da família Aruak, além de empréstimos de línguas da família Pano, de variedades do Quéchuá, como línguas indígenas, da Media Lengua, e do espanhol e do português, como línguas não indígenas. Há também, segundo o artigo, evidências de empréstimos linguísticos de outras línguas não claramente identificadas, dado o contexto diversificado de existência das línguas Kokama e do Omágua/Kambeba.

Além de ser considerada como um crioulo abrupto, outra característica linguística relevante são os verbos provenientes do Tupi-Guarani utilizados na língua, do qual foram abstraídos somente os significados da raiz, sem levar em conta os morfemas presentes na forma fonológica, ou seja, os morfemas lexicais foram incorporados na língua, mas os morfemas gramaticais/funcionais (morfemas da flexão verbal) não. A língua não é, em vários aspectos, propriamente pertencente à família Tupi-guarani, mas há fortes evidências de que houve contato com uma língua dessa família durante sua formação, já que o Kokama era alvo de aprendizagem dos indivíduos falantes de outras línguas, e que desse contato não houve uma aprendizagem perfeita ou uma transmissão linguística regular. De acordo com Thomason e Kauffman (1988), línguas que sofreram empréstimo massivo, como os pidgins e crioulos, não podem ser classificadas geneticamente. O Kokama pode ser classificado como crioulo abrupto, diferente dos demais crioulos, porque, nesse caso, o contato dos falantes com outras línguas são incorporados e utilizados por toda a comunidade nas relações diárias e não somente em situações de contato, como é o caso do início de línguas pidgins, onde um grupo falante de outra língua (língua alvo), geralmente adultos, passam a usar a língua sem necessariamente ter a

---

<sup>5</sup> Rodrigues e Cabral (2003) afirmam que “o Kokama pode ter surgido de uma situação de contato que teria propiciado a emergência de uma língua com características de língua crioula, mas que teria se desenvolvido sem uma fase de pidgin, constituindo, dessa forma, uma língua análoga ao que foi chamado por Thomason e Kaufman (1988, p. 48) de crioulo abrupto.”

<sup>6</sup> Fala simplificada, formada pela mistura de mais de uma língua, utilizada por populações que falam línguas diferentes, geralmente ocorrem em uma região de colonização e tem por base uma língua do colonizador.

presença de falantes nativos. Pelo estudo realizado, houve contato com um número maior de línguas que desapareceram e a língua continuou seu desenvolvimento sem influências de “um modelo linguístico específico” (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 186).

Cabral (2011) diz que o contato com a língua Tupinambá propiciou o desenvolvimento de duas línguas: o Nheengatu e o Kokama/Omágua, línguas que tipologicamente são diferentes devido à história de seus falantes.

Cabral apresenta três hipóteses para a origem da língua Kokama/Omágua. A primeira é que língua pertence, geneticamente, à família Tupi-guarani, tronco linguístico Tupi; a segunda hipótese é a de que a língua é descendente da Língua Geral Amazônica (hoje Nheengatu ou Tupi Moderno) e, por fim, como terceira hipótese que seu surgimento se deu a partir do contato entre falantes de Tupinambá e outras línguas, não sendo a continuidade de uma língua já existente. Essa terceira hipótese é utilizada pela pesquisadora como origem do Kokama/Omágua (origem não genética) e afirma, ainda, que língua de contato Kokama/Omágua teria se desenvolvido no período colonial, na já citada província de Maynas.

Rodrigues (1984/1985) afirma que Kokama/Omágua é resultado do contato entre Tupinambá e uma língua não especificada de outra filiação genética. O Tupinambá contribuiu com vocabulário, mas não com a gramática. Cinco formas pronominais do Kokama são provenientes do Tupinambá; as outras formas pronominais, além da distinção de gênero masculino ou feminino no discurso do Kokama/Omágua, não são uma característica da língua Tupinambá. A ordem das sentenças segue o padrão SVO, alternando com OSV.

Lev Michael (2014) propõe que a língua Kokama/Omágua tem origem não-genética e surgiu do contato com outras línguas no período pré-colombiano, e não no período colonial (séculos XVII e XVIII), na província de Maynas (atual Loreto), com as missões jesuítas, como afirmam Cabral e Rodrigues. O proto-Omágua-Kokama é uma língua de contato pré-colombiana da qual originaram-se a língua Omágua e a língua Kokama. Note-se que esse autor já considera que há distinção entre as duas línguas. Ele diz que a língua Omágua e a língua Kokama eram classificadas pelos estudiosos como línguas da família Tupi-guarani devido a similaridades lexicais entre essas línguas, apesar das gramáticas serem diferentes.

Segundo o autor existem duas línguas, Omágua e Kokama, intimamente relacionadas, contrariando o que afirma Cabral (1995), que trata as duas línguas como uma só “Kokama/Omágua”. As duas línguas, de acordo com Michael, apresentam

diferenças fonológicas e gramaticais importantes desconsideradas nos estudos de Cabral. O autor relata, ainda, o contato e a estadia do Pe. Samuel Fritz com os Omágua do Amazonas, dos primeiros assentamentos e missões quando as duas línguas eram muito próximas e dividiam o mesmo contexto de uso, numa mesma comunidade de fala, sem, contudo, fazer distinção entre elas.

Uma constatação importante de Michael diz respeito a utilização do Kokama/Omágua como língua franca, como tratado anteriormente. Para Cabral (1995 *apud* MICHAEL, 2014), o Kokama/Omágua era a língua franca usada por outros grupos indígenas da região para a comunicação entre si na Província de Maynas. Michael contesta essa informação, afirmando que a língua franca era o Quéchuá, podendo facilmente se comprovar isso por documentos históricos existentes da Província de Maynas.

Outra afirmação do autor, contrariando a hipótese de surgimento da variedade Kokama/Omágua como uma língua só, nos séculos XVII e XVIII, é que, nos assentamentos, esses dois grupos eram mais numerosos que os demais, e os casamentos interétnicos eram mais comuns com os Kokama e os Omágua, o que não permitiria que as demais línguas tivessem direta influência na criação de um crioulo abrupto como afirma Cabral, além disso, o número de indígenas nos assentamentos não era tão grande a ponto de partir deles surgir uma nova língua de contato. Outra questão é geográfica, as aldeias Kokama e Omágua, tanto no Peru quanto no Brasil, não eram tão perto umas das outras como se poderia supor pelo estudo. Michael considera que são, na verdade, duas línguas distintas, porque seu surgimento vem do período pré-colombiano e não no período colonial. Ele conclui o estudo afirmando que a compreensão do surgimento de línguas de contato deve levar em conta o contexto sócio histórico em que a língua se desenvolveu e não somente o contexto de contato linguístico entre as línguas.

Nos estudos histórico-comparativos, o trabalho mais recente sobre a reconstrução do Proto-Omágua-Kokama (O'HAGAN, MICHAEL, VALLEJOS, 2013) apresenta a reconstrução de aspectos da gramática das línguas considerando uma origem comum a partir de comparações dos paradigmas pronominais, dos nominalizadores e do sistema de tempo-aspecto-modo (TAM). O trabalho é baseado na coleta de dados juntos a falantes Omágua e Kokama de Loreto, Peru.

Os estudos atuais sobre o povo Omágua/Kambeba são poucos. Há uma dissertação de Marcia Vieira Silva (indígena da etnia Omágua/Kambeba), sobre Reterritorialização e Identidade do povo Omágua-Kambeba na aldeia Tururukari-Uka (2012), que trata de

território, luta política por terras pelos Omágua/Kambeba que habitam a aldeia no município de Manacapuru e que buscam viver suas tradições. A autora também escreveu um livro de poemas chamado Ay kakyri Tama.

A dissertação intitulada “Conhecimento Omágua/Kambeba e a educação em ciências: um estudo na Escola Municipal Três Unidos - Aua Kambeba no rio Cuieiras/Baixo Rio Negro”, de Núbia do Socorro Pinto Breves (2013), mestre em Educação pela UEA, trata como o conhecimento do povo influencia na prática de ensino de ciências na aldeia e como a relação dos indígenas com a natureza contribui para esse processo.

Os trabalhos recentes sobre a língua Omágua são baseados nas pesquisas junto aos falantes da língua no Peru, onde a população dessa etnia é bem maior e a língua é mais utilizada. No Brasil não há descrições sobre a língua Omágua/Kambeba falada aqui atualmente, justamente por ser considerada durante muito tempo como uma língua extinta.

Esta dissertação, portanto, tem por objetivo apresentar uma descrição fonológica da língua Omágua/Kambeba falada por indígenas que se autodenominam como tal e se distribuem entre os municípios de Alvarães, Tefé, Marañ, Coari e a aldeia mais recente em Manacapuru, no médio Rio Solimões, e em Manaus, no Rio Negro, visando contribuir para os estudos histórico-comparativos das línguas indígenas, particularmente as pertencentes ao tronco linguístico Tupi, família Tupi-guarani, e que sirva também como mais um instrumento de auxílio para professores Omágua/Kambeba que ensinam língua materna nas escolas indígenas da aldeia e nos projetos de revitalização linguística desse povo.

A dissertação estrutura-se em quatro capítulos, além da introdução, referências, e um apêndice. Na introdução, são tratados aspectos gerais da pesquisa e do povo que direcionem a leitura em termos metodológicos e nos aspectos teóricos.

No primeiro capítulo, apresentamos um breve histórico do povo Omágua/Kambeba, os primeiros contatos com colonizadores, seus estilos de vida, costumes e tradições, seguido de redução do povo, seu ressurgimento e reafirmação como nação organizada, além da classificação linguística junto ao tronco Tupi e a metodologia da pesquisa utilizada nesse trabalho.

No segundo capítulo, a descrição fonética dos fones consonantais e vocálicos é apresentada, todos os sons da língua são descritos e organizados em quadros fonéticos. Em seguida apresentamos a análise fonológica da língua baseados em contraste,

distribuição complementar e variação livre para a definição dos fonemas consonantais e vocálicos da língua Omágua/Kambeba, organizados em quadros fonológicos. Cabe ressaltar que a transcrição fonética utilizada é mais ampla. Novamente esclarecemos que a pesquisa segue o modelo de análise da fonética articulatória.

No capítulo três, tratamos da estrutura silábica da língua e a definição do padrão silábico, que tem a vogal como núcleo silábico e a definição de quais segmentos ocupam a posição de Ataque (onset) e Coda silábica na língua.

No capítulo quatro, fizemos o estudo do acento na língua em palavras simples e vimos que, diferentemente da maioria das línguas do tronco Tupi, o Omágua/Kambeba tem um padrão acentual considerado imprevisível.

Por fim, apresentaremos as referências que subsidiam esse trabalho em termos teóricos, bem como um levantamento de trabalhos e pesquisas feitas sobre o Omágua/Kambeba. Ao final, segue um apêndice com um vocabulário básico Omágua/Kambeba – Português baseado nos dados coletados para essa pesquisa e que sirvam de subsídios para os estudos históricos-comparativos das línguas da família Tupi-guarani.

Esperamos com esse trabalho contribuir para um melhor conhecimento das línguas indígenas em seus aspectos linguísticos, em particular para as línguas ainda faladas na região da Amazônia.

## CAPÍTULO 1 - POVO OMÁGUA/KAMBEBA E SUA LÍNGUA

### 1.1 Informações etnográficas

O povo Omágua/Kambeba era conhecido desde os primeiros séculos da colonização por ser uma nação bastante populosa e socialmente organizada. Apesar disso, passou por um grande período de silenciamento cultural e linguístico como etnia indígena, o povo agora ressurgido luta por seus direitos. No passado a literatura apresenta o termo Omágua, utilizado por indígenas que assim se autodenominavam e que, segundo Hervás (*apud* SILVA, 2012), significa “cabeça de homem”. O povo Omágua recebeu a denominação “Kambeba” justamente pelo costume ancestral de remodelação craniana. O nome foi dado por outros índios falantes da Língua Geral Amazônica, que assim o reconheciam. O termo vem do Nheengatu e significa “cabeça chata” (akanga pewa) e data do século XVII.

Esse povo hoje é encontrado tanto na Amazônia peruana quanto na Amazônia brasileira, porém, conforme afirma Marcoy (2006, p.67), o povo indígena não é originário dessa região, é

“Originário do hemisfério norte, como testemunham sua avançada civilização, seus costumes e suas artes materiais, evidentemente tomadas de empréstimo, como as dos Incas, aos antigos mexicanos, os Umuas, depois de se fixarem, provavelmente por alguns séculos, no sopé dos Andes de Popayan a na Nova Granada, dirigiram-se para as cabeceiras do Japurá, onde uma tribo de sua raça existe até hoje com o nome de Mesayas.”

Os documentos mais antigos referem-se ao povo apenas como Omágua, povo das águas. As informações etnográficas contidas nessa seção foram em grande parte pesquisadas no livro “O novo descobrimento do Rio Amazonas”, de Acuña (1994) e parte na dissertação de Silva (2012), principalmente nos relatos coletados pela autora juntos aos idosos da aldeia Tururukari-uka.

O povo Omágua é conhecido como o povo das águas, citado por Samuel Fritz, padre jesuíta que viveu pacificamente com eles e com diversas etnias entre 1689 a 1723, nas províncias formadas nesse período.

Os Omágua diferenciavam-se de outros povos da região pelos seus costumes, entre eles o de remodelar o crânio das crianças e dar-lhes a forma achatada, o que consideravam um padrão cultural de beleza, além de distingui-los de outros povos indígenas da região, principalmente daqueles povos que praticavam a antropofagia<sup>7</sup>, Chantre y Herrera descreve que “é formosura, entre eles, ter um crânio bem achatado e levantado, e o que é mais, riem-se das demais gentes que têm como eles dizem cabeças de macaco” (CHANTRE Y HERRERA, apud: PORRO, 1992, p. 204). O costume da remodelação craniana seguiu até o século XIX. A remodelação dava-se ainda na primeira infância, a criança era deitada em uma tábua em que cabia seu corpo todo e funcionava como uma espécie de berço móvel, na parte da frente da cabeça, uma pequena tábua era posta, as duas tábuas eram amarradas, ficando a testa pressionada para cima, à medida que cresciam, as cabeças iam tomando novo formato e assim ficavam até atingirem a forma achatada, como podemos observar na figura abaixo:



Figura 2 – Omágua com cabeça chata

Fonte: FERREIRA (apud Silva, 2011)

---

<sup>7</sup> Ato de comer carne humana, o mesmo que canibalismo.

Tinham por hábito andarem nus, como grande parte dos grupos indígenas da região, apesar disso, as mulheres também costumavam confeccionar vestimentas, produzidas a partir do algodão, plantado pelos Omágua/Kambeba, essas vestimentas eram pintadas e tecidas. As mulheres, responsáveis pela confecção dessas vestimentas faziam para uso próprio e de todos na aldeia e também para possíveis trocas comerciais. A vestimenta por eles utilizadas lhes dava a impressão de maior organização e razão diante dos europeus. Esse costume chamou muito a atenção dos viajantes que enfatizam o quanto usavam as roupas com “decência”, além da descrição da beleza dos tecidos e das pinturas (CARVAJAL, ROJAS e ACUÑA 1941, p.p 237-238)



Figura 3 - Vestimenta tradicional Omágua

Fonte: Instituto Socioambiental

Atualmente não fazem uso diário das vestimentas de seus ancestrais, no entanto, em ocasiões especiais como apresentações e festejos se enfeitam com os artefatos produzidos e utilizam a indumentária baseada nos modelos dos séculos XVI e XVII:



Figura 4 – Indígena Omágua/Kambeba com vestimenta tradicional

Fonte: Vieira, 2011

O comércio dos Omágua era local, chegando mesmo a ser internacional em algumas áreas devido as constantes idas e vindas de grupos Omágua que viviam no Peru e nas proximidades da fronteira política com os demais países, que vinham realizar trocas comerciais com os Omágua que viviam na região do Médio rio Solimões, onde hoje ainda existem cinco comunidades Kambeba. Isso se dava devido ao contato com diversos povos vizinhos da região e de outras regiões da Amazônia.

Assim como em outros povos indígenas existiam vários rituais que eram praticados pelos Omágua, alguns desses tinham mais expressividade, como o ritual da primeira menstruação e o do casamento. No ritual da menstruação, as meninas eram colocadas em redes no alto das casas e lá ficavam por cerca de oito dias, alimentavam-se a cada 24 horas com mandioca seca e bebidas preparadas pelas mulheres da família para o ritual, recebiam algodão para fiar durante o tempo que lá passassem. No fim dos dias necessários de recolhimento, eram levadas ao rio para banhar-se, depois tinham seus corpos pintados até a metade e recebiam adornos de plumagem, em seguida eram levadas em andores de volta para as suas casas, seguidas por danças e música, lá recebiam bebida

de todas as mulheres presentes e o ancião então lhes dava um nome, após esse ritual os guerreiros podiam tê-las como esposas. O ritual do casamento ocorria com o pagamento do preço que valia a noiva escolhida pelo noivo, mais cinco anos de trabalho do noivo para seu sogro. Um banquete era preparado e todos os indígenas das redondezas eram convidados para o dia do ritual. Homens e mulheres eram organizados separadamente, depois de todos os ritos cumpridos, o chefe os declarava casados.

Nas aldeias Omágua as crianças que nascessem com algum tipo de má-formação ou alguma doença congênita que pudesse ainda ser identificada no nascimento não podiam crescer e viver na aldeia, o mesmo ocorria se nascessem filhos gêmeos, um deles, assim como crianças com má-formação, deviam ser sacrificadas. O ritual de sacrifício das crianças praticado pelos Omágua/Kambeba foi descoberto pelos primeiros missionários que conviveram entre eles, ao notarem a ausência de gêmeos ou mesmo pessoas com alguma deformidade nas aldeias. A notícia do nascimento de gêmeos deixava todas as mulheres da aldeia em desespero, elas destruíam todos os utensílios utilizados pela mãe dos bebês, lavavam-se abundantemente no rio para purificar-se e assim evitar o “contágio”, acreditando estarem livres do risco de ter mais de um bebê. Quando nasciam gêmeos, uma das crianças não poderia viver na aldeia, então, para isso logo após o nascimento, as mulheres tinham que preparar um recipiente que forravam com algodão, onde acomodavam a criança recém-nascida, esse recipiente era coberto com um manto. Em seguida as mulheres o depositavam em uma canoa que era levada pela correnteza do rio, os Omágua acreditavam que os espíritos se encarregariam de encontrar alguém que pudesse criar o bebê, pois consideravam mau presságio crianças gêmeas vivendo juntas na aldeia.

Meggars (1975, *apud* SILVA, 2012) afirma que era um povo que vivia nas várzeas do alto rio Amazonas, em ilhas fluviais para, assim, entre outros motivos, dificultar o acesso de outros povos inimigos geralmente habitantes da terra firme. As casas localizavam-se às margens dos rios, de forma linear, com portas laterais, eram feitas de madeira e cobertas com palmeiras, eram moradias diferentes dos demais povos porque as paredes eram feitas de tábuas de madeira, a partir do cedro (BONIN e SILVA, 1999). Viviam da pesca, caça e agricultura, plantavam em grande quantidade e guardavam o excedente para os períodos de cheia.

Em relação à organização política, em cada aldeia havia um chefe (tuxaua), todas as aldeias de uma região juntas formavam uma província, essa província possuía um outro chefe (governador), esse chefe era chamado *Aparia*. No rio Napo, no Peru, havia um

*Aparia menor*, já no rio Amazonas, um *Aparia maior*. Importante frisar que havia distinção no tratamento dado a eles, sendo que *Aparia maior* dominava os dois rios, era o chefe supremo de todo o povo, que tudo governava, tomava as decisões e a ele estavam submetidos os todos os chefes, isso incluía os tuxauas das províncias, os tuxauas das aldeias Omágua e o *Aparia menor*, do rio Napo, no Peru. As guerras travadas com povos do interior da floresta eram quase sempre motivadas por ameaças às suas terras e vingança, essas guerras também lhes garantiam prisioneiros. Mesmo na condição de prisioneiros de guerras tribais e sendo subordinado aos Omágua, faziam parte do povo e podiam casar e constituir família com as mulheres Omágua/Kambeba.

Ainda de acordo com Meggers (apud SILVA, 2008), a *Missão de San Joachim de Omaguas* foi restabelecida na foz do rio Ucaiali, após devastadora invasão ocorrida alguns anos antes de 1710, o lugar sempre recebia índios fugidos de outros lugares que buscavam proteção e abrigo. A missão tinha cerca de 520 indivíduos e, segundo o autor, a língua utilizada pelos missionários para a comunicação entre as diversas etnias e para a catequese no lugar foi a língua Omágua.

Dos séculos XVI a XVIII, os relatos de cronistas mostram que o povo Omágua foi reunido em missões formadas por jesuítas, onde várias etnias eram postas juntas e lá a religião católica era imposta e o processo de “civilização” era aplicado. Missões como a São Paulo Apóstolo, depois denominada de São Paulo dos Kambeba e atual sendo o município de São Paulo de Olivença/AM eram habitadas por muitos indígenas. Eram missões extensas e logo eram promovidas a categoria de província. No fim do século XVII os Omágua já estavam em número bastante reduzido, contavam com poucas famílias que foram obrigadas, por uma questão de sobrevivência, a assumirem-se como famílias ribeirinhas locais para continuar a sobreviver em meio a tantas perseguições.

O século XIX é marcado pelo silenciamento não só do povo Omágua, mas de diversos outros povos. De acordo com o diretório Pombalino, que vigorou de 1757 a 1798, os povos indígenas da região Amazônica foram obrigados a passar por uma série de mudanças que visavam a integração desses povos à sociedade colonial, para a condição de cidadão brasileiro. Passaram a viver então como vivem os ribeirinhos, tiveram que adotar sobrenome dos não indígenas, tiveram que abandonar o modo de vida tribal praticado anteriormente nas aldeias Omágua, abandonaram principalmente seus costumes e a sua língua, que também foi proibida de ser utilizada por eles como língua de uso em situações sociais de comunicação, assim como todas as outras línguas indígenas da Amazônia, mas que não deixou de ser falada nos círculos familiares e, por isso, e graças

a essa atitude de resistência dos Omágua não foi totalmente perdida, porém alguma coisa se perdeu, a falta de uso da língua Omágua como língua de comunicação, o contato e a paulatina substituição pelo português fez com que a língua sofresse algumas perdas linguísticas e, conseqüentemente, significativas perdas culturais ligadas aos ritos, cânticos e atos de fala, como feitiços e rezas próprias do povo Omágua. Nesse período, os registros que se tem do povo Omágua ficaram muito escassos, devido à enorme redução de sua população e de seu território (SILVA, 2012).

No século XX o silenciamento foi ainda maior. Sua quase dizimação foi posta em discussão em meados dos anos de 1980, as fontes de documentação também se tornaram muito escassas. Com a ação de missionários da Igreja Católica, o movimento indígena no rio Solimões foi fortalecido, o momento, então, foi propício para reafirmação étnica de desse povo. Os Omágua/Kambeba, como agora preferem ser designados, sobreviveram e constatou-se que estavam espalhados em cinco aldeias, quatro no rio Solimões e uma no rio Cuieiras, afluente do rio Negro, todas fundadas por Valdomiro Cruz, a principal figura entre os Omágua/Kambeba ressurgidos. Seu Valdomiro ao longo de sua vida, foi o último tuxaua geral do povo, viveu e lutou pelo seu povo até os seus 95 anos, em 2014, quando veio a falecer. Deixou um legado social e político para seus descendentes diretos que é a luta pela reafirmação do povo e a revitalização da língua e dos costumes. Dada a exiguidade do tempo e tendo em vista que a pesquisa etnográfica não é um dos objetivos desse trabalho, não foi possível a realização de um levantamento sociolinguístico adequado da atual situação desse povo, os próprios Omágua/Kambeba, em comunicação pessoal, afirmam que há mais aldeias atualmente, além de indígenas que vivem nas sedes dos municípios do estado e em Manaus. Pretendemos em outro momento de pesquisa fazer um levantamento detalhado sobre o quantitativo de indígenas que se autodenominam Omágua/Kambeba, bem como um estudo sociolinguístico abrangente nas aldeias e com os indígenas que moram nas cidades.

Atualmente o povo Omágua/Kambeba conta com mais uma aldeia, Tururukari-Uka (que na língua significa “casa de Deus”), no município de Manacapuru, de onde são os professores que colaboraram com este estudo. A reafirmação étnica dos Omágua/Kambeba teve início na década de 1980, na região do rio Solimões, a partir do encontro realizado na aldeia Miratu, em Uarini, com representantes da igreja católica e indígenas de diversas etnias da região.

Anos antes o movimento indígena de Tefé começou a ser articulado, em 1975, com o objetivo de buscar melhorias e direitos aos indígenas. A partir de 1978, Valdomiro

Cruz, que naquela época vivia na aldeia do Jaquiri, uniu-se a indígenas Mayoruna e Miranha no movimento. A aldeia passou então a ser o centro político do movimento, em 1993, quando a “Uni-Tefê”<sup>8</sup> tornou-se uma organização representativa dos indígenas, reconhecida judicialmente.

O movimento indígena ganhou força com o novo momento de política indigenista propiciado pelo Estado e pelo novo momento da Igreja. A situação pós Constituição de 1988 afirmava o direito dos povos e também serviu de gerador de força para aqueles que há tempos estavam desprovidos de direito.

Naquele ano de 1980, os encontros com outros índios reaproximou os Omágua/Kambebe, que, de acordo com Maciel (2005), eram conscientes de sua identidade indígena e continuaram a falar a língua na comunidade, mas não afirmavam sua condição por medo de sofrerem com discriminação. A ativa participação no movimento indígena supria a necessidade de busca por mais conhecimento, e assim poder garantir acesso à educação, posse da terra, saúde e melhorias de vida da comunidade. Na busca de soluções para conflitos dentro e fora da comunidade, as relações com outras etnias e a sociedade envolvente que os Omágua/Kambebe se aprofundam na sua tradição, na sua cultura que, por muito tempo, foi suprimida para, a partir dela, seguir rumo a um futuro para sua gente.

Atualmente, cada aldeia Omágua/Kambebe existente hoje possui um *Zana* (tuxaua), o patriarca do povo era o senhor Valdomiro Cruz, que era o tuxaua geral, fundador das atuais aldeias, falante da língua que passou aos seus filhos e netos a cultura de seu povo que aprendeu com seus pais. Os Omágua/Kambebe têm escola nas aldeias e muitos já deixam suas comunidades para buscar ensino superior não só em Manaus, mas também em outros estados.

Vivem da caça, pesca e agricultura, cultivam açaí, abacaxi, macaxeira, milho, dentre outros. Produzem artesanato, praticam comércio. Sabem da importância de ensinar e aprender a língua materna e anseiam por materiais sobre a língua.

Fazem parte do resgate de sua cultura os grafismos corporais, que são feitos com a tinta extraída do jenipapo e podem ter diversas formas, como mostrado a seguir:

---

<sup>8</sup> Organização juridicamente reconhecida, que representava os povos indígenas da região do rio Solimões, fruto do movimento indígena começado na década de 1980.

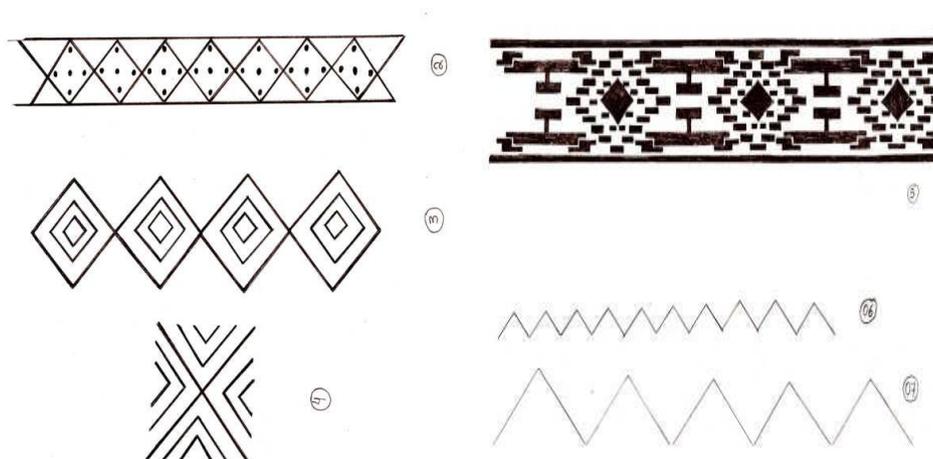


Figura 5 – Grafismos da cultura Omágua/Kambeba

Fonte: Desenhos de Adana Kambeba (Silva, 2011)

Além do uso de roupas típicas da cultura tradicional. As lendas e mitos são repassados às novas gerações, principalmente o mito de origem que conta que o surgimento da vida do povo Omágua/Kambeba estava na gota de água vinda do céu. O ritual da boa colheita na festa de São Tomé, em dezembro, com cantos e danças, o ritual do Curupira e a lenda do Mapinguari, são algumas das tradições culturais desse povo que continuam sendo repassadas nas comunidades e, agora, através da educação escolar, nas escolas das aldeias.

A história de vida de ‘Seu’ Valdomiro Cruz, principal ancião desse povo é contada a partir da vinda de seus pais, avós e tios para o Amazonas, vieram de Jurimagua, Peru, e, ao chegar à ilha de Mapana, foram adotados pelo dono do seringal da região, João Pulungu da Cruz, do qual receberam o sobrenome que carregam até hoje. Foram dispensados do recrutamento para guerra do Paraguai em 1860. De lá seguiram para ilha do Capote, no município de Fonte Boa, onde ele nasceu em 1919. Lá a família aumentou, ainda nesse local iniciou-se o processo de perda linguística pois foram obrigados a deixar de falar a língua Omágua, contudo, quando estavam a sós, as conversas familiares eram na língua originária do povo. Os pais e irmãos foram vítimas de tuberculose, sobrevivendo apenas ele e sua esposa. Passaram alguns anos vivendo em algumas comunidades do município, tiveram seus filhos e, em seguida, fundaram a aldeia do Jaquiri e lá viveram por vinte e cinco anos. Por motivo de saúde, viveu em Manaus por três anos, retornou para Jaquiri e, em seguida, foi para aldeia no rio Cuieiras. Viveu seus últimos anos na aldeia Tuurukari-uka, Manacapuru e faleceu em Manaus em setembro de 2014, deixou um legado e enorme contribuição para seu povo.

A pesquisa aqui apresentada não tem por objetivo a etnografia do povo Omágua/Kambeba, mas achamos importante pontuar alguns aspectos da trajetória desse povo tendo em vista ser, a língua, a principal identidade cultural de um povo. Passamos ao conhecimento da classificação linguística da língua Omágua/Kambeba.

## 1.2 Classificação linguística

A língua Omágua/Kambeba é classificada como pertencente ao tronco Tupi, filiada como membro da família linguística Tupi-Guarani, subconjunto III. Conforme quadro abaixo:

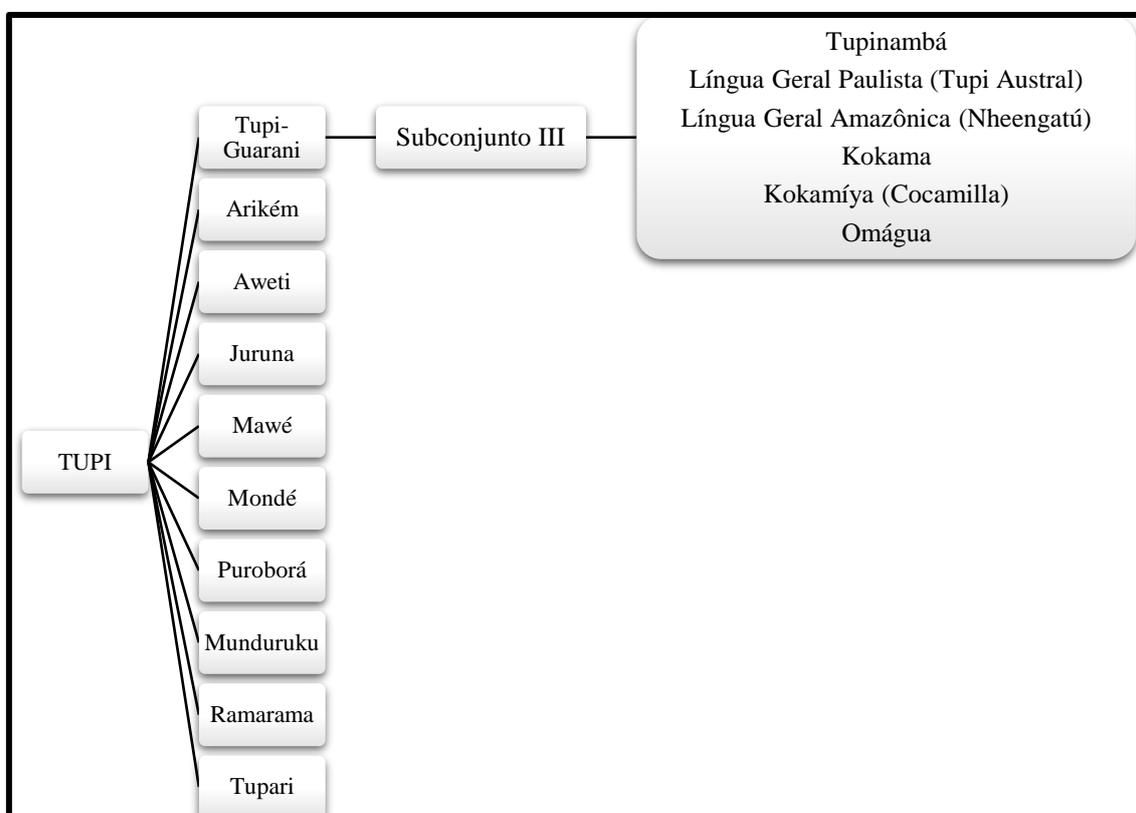


Figura 6 - Língua Omágua/Kambeba no tronco Tupi

Adaptado de Rodrigues (1984/1985) e Instituto Socioambiental, disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>. Acesso em 14 nov. 2015

Essa classificação, proposta por Rodrigues (1984/1985), considera duas línguas distintas: Kokama e Omágua. A língua Omágua/Kambeba é conhecida e citada na literatura, muitas vezes como a língua Kokama. Autores como Cabral (1995) afirmam que a língua é a mesma, apenas com nominalização diferente, a autora diz que os primeiros jesuítas espanhóis afirmavam que o Kokama e o Omágua eram, de fato, a

mesma língua e assemelhavam-se ao Guaraní antigo (Paraguai) e ao Tupinambá (Guaraní brasileiro, Língua Geral Paulista ou Língua Geral amazônica), sendo, portanto, dialetos.

O padre Samuel Fritz, que realizou trabalhos missionários ao longo do rio Amazonas por quase 40 anos, já notava alguma diferença entre o Kokama/Omágua e a Língua Geral.

Como dito anteriormente, os estudos de Lev Michael (2014) propõem a hipótese de que o proto-Omágua-Kokama é uma língua de contato de origem não genética do período pré-colombiano. Essa língua teria dado origem a duas línguas, Kokama e Omágua, o que vai contra a afirmação de Rodrigues e Cabral (2003) e Cabral (1995, 2011), que postulam que a língua é de origem não-genética, porém surgida no período colonial (séculos XVII e XVIII) com as missões jesuítas na província de Maynas (atual Loreto). Importante notar que Michael afirma que as duas línguas são distintas e classificadas pelos estudiosos como línguas da família Tupi-guarani devido as similaridades lexicais com outras línguas dessa família, apesar de possuir gramáticas diferentes, já Cabral (1995), embora afirme sua classificação junto à família Tupi-guarani, nega a existência de duas línguas, Kokama e Omágua, tratando-as como apenas uma língua com diferentes denominações. Michael também afirma que há diferenças fonológicas e gramaticais entre as duas línguas, que são importantes, mas que não foram consideradas nos estudos de Cabral, colocando em cheque a atual composição da família Tupi-guarani, como se observa no quadro apresentado acima.

Outro critério que reforça a hipótese Michael e refuta a de Cabral diz respeito à língua franca. Michael afirma ter sido o Quéchuá a língua franca, o que pode ser comprovado com base nos documentos históricos que existem sobre a *Provincia de Maynas* e não o Kokama/Omágua, como afirma Cabral. A influência da língua de grupos minoritários sobre as línguas Kokama e Omágua já comprovados através de documentos, que eram grupos que predominavam significativamente em número no assentamento, também não teria força suficiente na geração de um crioulo abrupto. As afirmações de Michael reforçam que há duas línguas com origem no período pré-colombiano e não no período colonial, como aponta Cabral, hoje língua Kokama e língua Omágua.

No Brasil, Rodrigues (1984/1985) foi o primeiro a incluir a língua Kokama na família Tupi-Guarani, junto ao Tupinambá, devido a grande maioria de itens lexicais derivados desta língua, apesar das diferenças gramaticais entre elas. Em seu trabalho intitulado “Relações internas na família linguística Tupi-Guarani”, o autor fez uma “[...]”

seleção limitada de elementos fonológicos e lexicais” (RODRIGUES, 1984/1985, p. 33) para embasar o estudo que aponta a existência de oito subdivisões dentro da família Tupi-Guarani.

São línguas que possuem parentesco genético e que apresentam características estruturais e lexicais em comum apontando que, no passado, seria uma língua única, que por fatores diversos foram sofrendo alterações e mudanças ao longo do tempo até chegarem às suas formas atuais, mas sem perder características básicas em comum. A partir de semelhanças basicamente fonológicas, Rodrigues agrupou as línguas da família Tupi-Guarani e constatou que elas possuem características que permitem esse agrupamento em subconjuntos.

No subconjunto III estão as línguas agrupadas a língua Tupinambá (já extinta), Língua Geral Paulista (já extinta), Língua Geral Amazônica, Kokama, Kokamiya e Omágua, sendo as duas últimas consideradas idênticas ao Kokama. A inclusão do Kokama na família Tupi-guarani é feita com muitas restrições, o autor ressalta a grande diferença na gramática da língua, que possui características de língua não Tupi, mas que possui formas derivadas do Tupinambá, como a palavra em Kokama tsúni, “ser preto” e em Tupinambá sún “é preto”; também a palavra em Kokama játsy “lua” e em Tupinambá jasý “lua” (cf. RODRIGUES, 1985, p. 43). Ao observar essas semelhanças, podemos ter a impressão de que um grupo não Tupi-Guarani adotou a língua, entretanto que há fortes indícios de que o Kokama é resultado de uma interação entre uma língua Tupi-Guarani e outra língua ainda não especificada, com filiação genética diferente. Outra hipótese levantada pelo autor, mas logo descartada, é a de que o Kokama seria uma língua Tupi-Guarani do baixo Amazonas e se encaixaria no subconjunto VIII, com outras línguas pertencentes a essa região, mas as comparações apontam maior semelhança com o Tupinambá.

O Kokama/Omágua é classificado como membro da Família Tupi-Guarani por diversos autores (ADAM, 1986; McQUOWN, 1955; LOUKOTKA, 1968; LEMLE, 1971, *apud* CABRAL, 1995), além de Rodrigues, já citado anteriormente.

A classificação da língua apesar de estar definida, e haver pesquisas sobre sua origem não-genética, não há ainda um consenso sobre o período de seu surgimento, há documentos a serem analisados, estudos históricos mais aprofundados precisam ser feitos para que possam comprovar em que momento a língua Omágua/Kambeba, bem como a língua Kokama, emergiu.

### 1.3 Metodologia da pesquisa

Para o estudo dos aspectos fonológicos da língua Omágua/Kambeba, serão seguidos os passos de análise para descrição e documentação de línguas naturais propostos a partir de dois princípios básicos, que são: a coleta de dados junto aos falantes, comprovação dos dados coletados e, por fim, a análise dos dados dentro da teoria fonológica.

#### 1.3.1. Coleta de dados

Neste sentido foi realizada uma primeira viagem a campo para a coleta inicial dos dados, objetivando, neste primeiro momento, a coleta dos dados e a análise fonético-fonológica preliminar da língua Omágua/Kambeba. A coleta foi feita no município de Beruri/AM, em março de 2014, onde dois professores falantes da língua, um do sexo masculino e um do sexo feminino participavam do Projeto Pirayawara, curso de formação de professores indígenas nas séries iniciais, promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, ambos são moradores e professores na comunidade Tururukari-uka, no município de Manacapuru, são os primos Marlete e Felipe, netos do senhor Valdomiro Cruz. Marlete aprendeu com o avô e com a mãe, Teca, e Felipe diretamente com senhor Valdomiro, que cuidou dele desde que nasceu, Felipe é o professor da língua na comunidade, trabalha com as crianças na escola indígena e por ter mais contato com o avô, foi o que mais contribuiu nas coletas. Nesse primeiro momento, foram apresentados aos professores os objetivos da pesquisa, os possíveis resultados obtidos e a proposta da pesquisa auxiliar com subsídios linguísticos o processo de resgate e revitalização da língua na comunidade. Assim os professores se dispuseram a contribuir na condição de colaboradores da pesquisa, demonstrando total interesse em ter a língua Omágua/Kambeba como objeto de estudo. Nessa e em outras atividades de trabalho de campo para coleta de dados, foram seguidas as recomendações que constam nos trabalhos de Samarin (1967) e Kibrik (1977) para a coleta dos dados e procedimentos de trabalho de campo.

Os dados foram coletados em duas sessões, a primeira com uma hora e dez minutos de gravação e a segunda com uma hora e vinte e quatro minutos, em dias alternados a partir de um questionário semiestruturado adaptado do questionário lexical e gramatical de Kaufman & Berlin (1987). Foi usado para gravação um gravador marca Philips, gerando um total de duas horas e trinta e quatro minutos de gravação. Os dados

coletados foram transcritos foneticamente de acordo com os símbolos e diacríticos do Alfabeto Fonético Internacional. Uma segunda ida à campo foi realizada na comunidade Tuurukari-uka para nova coleta de dados e comprovações das transcrições feitas na primeira coleta. Os novos dados coletados subsidiam não somente essa análise fonológica, mas também irão subsidiar futuras pesquisas sobre aspectos da gramática da língua Omágua/Kambeba.

### 1.3.2. Análise de dados coletados

A opção do modelo teórico é da fonologia linear, que irá subsidiar a transcrição fonética dos dados, a análise fonológica, a especificação da estrutura silábica da língua Omágua/Kambeba, além do comportamento do acento nessa língua. Assim, para análise fonética e fonológica dos sons da língua, seguiremos o modelo fonêmico dado por Pike (1947), Gleason (1978) e Kindell (1981). Para a análise da estrutura da sílaba seguiremos os trabalhos de Goldsmith (1976, 1990 e 1995), Katamba (1989), Gussenhoven e Jacobs, (1998) e Spencer (2005). A análise do acento na língua se baseará em Seki (2000) e Cruz (2011) para as línguas do tronco Tupi.

## CAPÍTULO 2 – DESCRIÇÃO FONÉTICA E ANÁLISE FONÊMICA DA LÍNGUA OMÁGUA/KAMBEBA

Fonética e fonologia são duas áreas da linguística que se complementam e que descrevem os sons de uma língua. A fonética estuda os sons da maneira como são produzidos, percebidos e suas propriedades físicas, a unidade mínima de análise da fonética é o fone. A fonologia, por sua vez, estuda como esses sons se organizam em unidades significativas em um conjunto maior, a língua, assim a unidade mínima de análise da fonologia é o fonema.

Os sons da fala têm seu ponto de partida na respiração, acontece quando o ar é introduzido pela inspiração e enche os pulmões, na saída ocorre o processo de expiração quando o ar passa por diversas partes do aparelho fonador produzindo diferentes câmaras de ressonância. O ar sai dos pulmões e vai em direção à laringe, onde localiza-se a glote, sobre em direção as cavidades oral e nasal para a produção de sons orais e nasais, respectivamente. Os sons produzidos podem ser *surdos* ou desvozeados e ocorrem se, durante a passagem do ar pela glote as cordas vocais permanecerem separadas e não ocorrendo vibração, podem ser *sonoros* ou vozeados se, a passagem do ar pela glote forçar as cordas vocais a se separarem para o ar passar e elas vibrarem. Quando o ar sai dos pulmões e chega ao trato oral, ele se divide em *oral*, se o som sair pela faringe e pela boca e em *nasal* se o som sair também pelas fossas nasais. No trato oral estão os articuladores dos sons, que são lábios, língua, dentes, alvéolos, palato duro, palato mole, úvula e faringe. Os articuladores compõem o processo *articulatório* que distingue os sons consonantais dos vocálicos. Na produção dos sons consonantais a corrente ar tem sua passagem obstruída pelos articuladores de *modo* completo ou não, o mesmo não ocorre com as vogais, que tem sua passagem de ar livre.

Apresentamos, neste segundo capítulo, uma descrição fonética dos sons da língua Omágua/Kambeba: as tabelas e a descrição dos fones consonantais, organizados pelo modo e pelo ponto de articulação e os fones vocálicos, organizados pela altura e posição, sendo descritos primeiro os fones orais, depois os nasais.

### 2.1. Fones consonantais

A língua Kambeba apresenta um inventário fonético de 21 sons consonantais, que foram classificados quanto ao modo e ao ponto de articulação e posição na estrutura silábica:

	bilabial	Labiodental	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
<b>oclusivas</b>	p b		t d			k g	ʔ
<b>nasais</b>	m		n		ɲ		
<b>tepe</b>			r				
<b>fricativas</b>		f v	s z	ʃ ʒ			h
<b>Lateral</b>			l				
<b>Aproximantes</b>	w				j		

Quadro 1 – Fones consonantais

Fonte: Autoria própria baseada no modelo do IPA (2005)

### 2.1.1 Oclusivos

Os fones oclusivos surdos classificam-se, quanto ao ponto de articulação, como bilabial [p], alveolar [t], velar [k] e glotal [ʔ].

1. [p] oclusivo bilabial surdo, ocorre em posição de *ataque* silábico, seguido de vogal oral ou nasal, em posição inicial e medial de palavra:

- (01) a) [ʔpuriʔpuri] ‘vaga-lume’  
 b) [ʔpita] ‘dedo’  
 c) [saʔparu] ‘paneiro’  
 d) [toʔpã] ‘trovão’

2. [t] oclusivo alveolar surdo, ocorre em *ataque* silábico, seguido de vogal oral ou nasal, em posição inicial e medial de palavra:

- (02) a) [tururuʔkari] ‘Deus’  
 b) [ʔtaira] ‘filha’  
 c) [piʔtẽma] ‘tabaco’

d) [i'tika] 'jogar'

3. [k] oclusivo velar surdo, ocorre em ataque silábico, seguido de vogal oral ou nasal, em posição inicial e medial de palavra:

- (03) a) ['kɛua] 'piolho'  
 b) [ku'misa] 'dizer, falar'  
 c) ['miski] 'mel'  
 d) [ai'uka] 'brigar'

4. [ʔ] oclusivo glotal surdo, ocorre em ataque silábico, seguido de vogal oral, em posição inicial e medial de palavra:

- (04) a) [ʔi'ʔi] 'machado'  
 b) [saʔuai'ara] 'inimigo'  
 c) [teu'ʔi] 'sal'

Os fones oclusivos sonoros classificam-se, quanto ao ponto de articulação, como bilabial [b], alveolar [d] e velar [g].

5. [b] oclusivo bilabial sonoro, ocorre em ataque silábico, seguido de vogal oral ou nasal, em posição inicial e medial de palavra:

- (05) a) ['binu] 'suco'  
 b) [bɛ̃bɛ'kɛ] 'arco'  
 c) [nɔ'ɛbi] 'nove'  
 d) [paʃi'uba] 'tábua'

6. [d] oclusivo alveolar sonoro, ocorre em ataque silábico, seguido de vogal oral, em posição medial de palavra:

- (06) a) [be'nadu] 'veado'  
 b) [i'da] 'cantar'

c) [mĩ'gadu] 'mingau

7. [g] oclusivo velar sonoro, ocorre em ataque silábico, seguido de vogal oral, em posição inicial e medial de palavra:

- (07) a) [gah'kava] 'folha'  
 b) [a'gutʃi] 'cotia'  
 c) [aiã'gara] 'canto'  
 d) [iga'rape] 'igarapé'

### 2.1.2 Nasais

Os fones nasais classificam-se, quanto ao ponto de articulação, como bilabial [m], alveolar [n] e palatal [ɲ].

8. [m] nasal bilabial sonoro, ocorre em ataque silábico, seguido de vogal oral e nasal, em posição inicial e medial de palavra:

- (08) a) ['mai] 'homem'  
 b) [musura'kari] 'brincar'  
 c) ['ũmi] 'ver'  
 d) [ɛ'moa] 'palmeira'

9. [n] nasal alveolar sonoro, ocorre em ataque silábico, seguido de vogal oral e nasal, em posição inicial e medial de palavra:

- (09) a) [nau'ira] 'pênis'  
 b) [nɔ'ɛbi] 'nove'  
 c) [i'neiu] 'comer'  
 d) [ini'mira] 'comida'

10. [ɲ] nasal palatal sonoro, ocorre em ataque silábico seguido de vogal oral e nasal, em posição medial de palavra:

- (10) a) [ˈũɲi] ‘água’  
 b) [mãˈɲaka] ‘mandioca’  
 c) [tataˈtɲi] ‘fumaça’  
 d) [ˈsãɲi] ‘vem’

### 2.1.3 Tepe

11. O fone tepe alveolar [r] ocorre em ataque silábico seguido de vogal oral, em posição inicial e medial de palavra:

- (11) a) [ˈruru] ‘inchado’  
 b) [ˈrãna] ‘ela’  
 c) [mareˈtʃipa] ‘porque’  
 d) [atauˈari] ‘galinha’

### 2.1.4 Fricativas

Os fones fricativos surdos classificam-se, quanto ao ponto de articulação, como labiodental [f], alveolar [s], pós-alveolar [ʃ] e glotal [h].

12. [f] fricativo labiodental surdo, ocorre em ataque silábico seguido de vogal, em posição medial de palavra:

- (12) a) [ˈbifu] ‘velho’  
 b) [ˈbifa] ‘velha’

13. [s] fricativo alveolar surdo, ocorre em *ataque* silábico seguido de vogal, em posição inicial e medial de palavra e em *coda* silábica em posição medial de palavra:

- (13) a) [saˈsiua] formiga’

- b) [sei'uka]                      'barriga'
- c) ['miski]                        'mel'
- d) [musura'kari]                'brincar'

14. [ʃ] fricativo pós-alveolar surdo, ocorre em ataque silábico seguido de vogal, em posição inicial e medial de palavra:

- (14) a) ['ʃira]                        'nome'
- b) [ʃu'ʃu]                       'chorar'
- c) [pu'ʃiku]                    'amarelo'
- d) [mã'miʃi]                  'moça'

15. [h] fricativa glotal surda, ocorre em *coda* silábica, precedido de vogal oral:

- (15) a) [auɛh'pia]                  'bicho preguiça'
- b) [gah'kava]                  'folha'

Os fones fricativos sonoros classificam-se, quanto ao ponto de articulação, como labiodental [v], alveolar [z] e pós-alveolar [ʒ].

16. [v] fricativo labiodental sonoro, ocorre em ataque silábico seguido de vogal oral, somente em posição medial de palavra:

- (16) a) [i'ɾava]                      'amargo'
- b) [gah'kava]                  'folha'

17. [z] fricativo alveolar sonoro, ocorre em ataque silábico seguido de vogal, em posição inicial e medial de palavra:

- (17) a) ['zai]                         'azedo'
- b) ['zumi]                        'curandeiro'
- c) ['ʃizi]                         'dia'
- d) [ita'zapa]                    'zagaia'

18. [ʒ] fricativo pós-alveolar sonoro, ocorre em ataque silábico seguido de vogal, em posição inicial de palavra:

- (18) a) [ʒai'rɛ] 'lança'  
 b) [ʒene'uma] 'correr'  
 c) [ʒi'no] 'ouvir'

#### 2.1.5 Lateral

19. O fone lateral [l] ocorre em ataque silábico seguido de vogal oral, em posição inicial e medial de palavra e em única ocorrência no encontro consonantal com a oclusiva [k]:

- (19) a) [lu'aia] 'pouco'  
 b) [kua'luka] 'urinar'  
 c) [ma'tʃiklabu] 'macaco prego'

#### 2.1.6 Aproximantes

20. O fone aproximante bilabial [w] ocorre em ataque silábico seguido de vogal oral, em posição inicial e medial de palavra:

- (20) a) [waka'mai] 'arara'  
 b) ['kawa] 'caba'  
 c) ['kɛwa] 'piolho'  
 d) [wa'tari] 'andar'

21. O fone aproximante palatal [j] ocorre em ataque silábico seguido de vogal oral, em posição inicial e medial de palavra:

- (21) a) [jau'ira] 'arraia'  
 b) [ja'kari'tĩni] 'jacaré-tinga'  
 c) [a'jua] 'flecha'  
 d) [ja'puna] 'forno'



23. [i] vogal central, alta fechada, oral, não arredondada, ocorre como núcleo silábico:

(23) a) [i] 'ano'

24. [u] vogal posterior, alta fechada, oral, arredondada, ocorre como núcleo silábico em início, meio e fim de palavra:

- (24) a) [u'rũma] 'pato'  
 b) ['puri'puri] 'vagalume'  
 c) [pu'rutu] 'feijão'  
 d) ['uku] 'agulha'

Os fones vocálicos altos [i] e [ũ] contrapõem-se aos seus correspondentes orais por possuir o traço da nasalidade

25. [i] vogal anterior, alta fechada, nasal, não arredondada, ocorre como núcleo silábico em início, meio e fim de palavra:

- (25) a) [i'da] 'cantar'  
 b) ['tʃĩbu] 'timbó'  
 c) [mĩ'gadu] 'mingau'  
 d) [ku'pĩ] 'cupim'

26. [ũ] vogal posterior, alta fechada, nasal, arredondada, ocorre como núcleo silábico em posição medial de palavra:

- (26) a) ['tʃũga] 'dez'  
 b) ['ũmi] 'ver'  
 c) [tu'tũma] 'calção'  
 d) ['ũni] 'água'

### 2.2.2 Vogais médias

Os fones vocálicos médios fechados orais [e], [o]

27. [e] vogal anterior, média fechada, oral, não-arredondada, ocorre como núcleo silábico em início, meio e fim de palavra.

- (27) a) [eua'raia] 'fruto'  
 b) ['meru] 'mosca'  
 c) [ mare'tʃipa] 'porque'  
 d) [iga'rape] 'igarapé'

28. [o] vogal posterior, média fechada, oral, arredondada, ocorre como núcleo silábico em início, meio e fim de palavra.

- (28) a) ['oitʃi] 'oito'  
 b) [komu'era] 'língua'  
 c) [to'pã] 'trovão'  
 d) [i'moa] 'irmã'

O fone vocálico médio fechado [ẽ] contrapõe-se ao seu correspondente oral por possuir o traço da nasalidade.

29. [ẽ] vogal anterior, média fechada, nasal, não-arredondada, ocorre como núcleo silábico em meio de palavra.

- (29) a) [bẽbe'kɛ] 'arco'  
 b) [i'asi'ẽna] 'lua nova'  
 c) ['sẽmi] 'beijo, lábio'  
 d) [pi'tẽma] 'tabaco'

Os fones vocálicos médios abertos [ɛ], [ɔ]

30. [ɛ] vogal anterior, média aberta, oral, não arredondada, ocorre como núcleo silábico em início, meio e fim de palavra.

- (30) a) [ɛ'moa] 'palmeira'  
 b) [sɛ'rai] 'gelada'  
 c) [pu'ɛta] 'pé'  
 d) [aiaisi'mariɛ] 'mau, ruim'

31. [ɔ] vogal posterior, média aberta, oral, arredondada, ocorre como núcleo silábico em posição medial de palavra

- (31) a) [nɔ'ɛbi] 'nove'

### 2.2.3 Vogais baixas

O fone vocálico baixo oral [a]

32. [a] vogal central, baixa, oral, não arredondada, ocorre como núcleo silábico em início, meio e fim de palavra.

- (32) a) [atau'ari] 'frango'  
 b) [be'nadu] 'veado'  
 c) [a'puka] 'tartaruga'  
 d) [ti'kita] 'corda'

O fone vocálico baixo [ã] contrapõe-se ao seu correspondente oral por possuir o traço da nasalidade.

33. [ã] vogal central, baixa, nasal, não-arredondada, ocorre como núcleo silábico em meio e fim de palavra

- (33) a) [kã'maru] 'camarão'  
 b) [to'pã] 'trovão'  
 c) ['kãʃi] 'seis'  
 d) [kãi'utʃi] 'esquerdo'

Na análise fonética foram identificados vinte um fones consonantais e doze fones vocálicos. Para os segmentos consonantais, distribuimos a classificação considerando

modos e pontos de articulação e também a sonoridade. Os segmentos vocálicos foram apresentados considerando a classificação quanto à altura (vogais altas/médias/baixas) e posição da língua (anterior/central/posterior) e a protrusão labial (segmentos arredondados e não arredondados) quando da articulação desses segmentos.

Os fones consonantais, em sua maioria, ocorrem em ataque silábico seguidos de vogal oral em maior ocorrência, ou de vogal nasal, em menor ocorrência, apenas dois fones ocorrem em coda silábica, são eles /h/ e /s/. O fone oclusivo alveolar [d], oclusivo glotal [ʔ], fricativos labiodentais [f] e [v], fricativo pós-alveolar [ʒ] oclusivo glotal [h] e o fone lateral alveolar [l] ocorrem com pouca frequência na língua.

O fone vocálico central alto tem uma única ocorrência para esse fone. Sobre a ocorrência de [i] nos poucos materiais sobre a grafia da língua Omágua/Kambeba, há registros da ocorrência da vogal, porém poucos são os registros desse segmento no material coletado. No trabalho de campo é possível notar que os informantes já não realizam esse fone em palavras cuja grafia registra a ocorrência desse segmento anteriormente, isso nos faz supor que está ocorrendo uma mudança na estrutura sonora do Omágua/Kambeba devido ao contato com a língua portuguesa, que não possui esse som. A vogal posterior média aberta oral [ɔ] também possui baixa ocorrência na língua, todos esses fones foram descritos com menos exemplos que os demais, justamente por não encontrarmos muitas realizações nos dados que coletamos. Os fones vocálicos nasais, tem, em sua maioria, ocorrência condicionada às consoantes nasais. O estudo da estrutura silábica da língua Omágua/Kambeba também nos ajudará no entendimento de alguns processos fonéticos e fonológicos que serão complementados.

### 2.3 Análise fonêmica

Os segmentos consonantais e vocálicos da língua Omágua/Kambeba foram definidos de acordo com a análise linguística que adota os critérios de contraste em ambiente idêntico ou análogo, distribuição complementar e variação livre para a composição de um quadro fonêmico com base na análise feita. A base teórica dessa análise está em Pike (1947) e Kindell (1981).

Na análise são agrupados os fones que possuem ao menos um traço fonético semelhante. No critério de contraste, dois segmentos ocorrem em processo de substituição mútua, em consequência há mudança de significado entre duas palavras, logo os dois

fonos são considerados fonemas. O contraste entre os dois sons semelhantes pode ocorrer em ambiente idêntico, quando a substituição mútua se dá em um mesmo ambiente, ou análogo, quando a substituição mútua se dá em ambientes foneticamente muito similares, mas não idênticos, leva-se em conta que o contraste entre os sons não pode ser influenciado pelos sons adjacentes.

No critério da distribuição complementar um fone tem sua ocorrência condicionada a um ambiente exclusivo em que ele se realiza. Logo, se um fone pode se realizar em uma posição específica, que pode ser inicial ou final, por exemplo, outro fone não ocorrerá nessa mesma posição, mas sim nos demais ambientes em que o outro não ocorrer.

A variação livre estabelece que dois sons podem ocorrer em um mesmo ambiente, sem causar distinção de significado de uma palavra, esses sons são considerados variantes de um único fonema e podem ocorrer livremente na mesma posição.

A seguir apresentaremos a análise fonêmica da língua Omágua/Kambeba com base nos critérios acima mencionados.

### 2.3.1 Segmentos consonantais

#### 2.3.1.1 Contraste

Abaixo estão relacionados os pares de segmentos consonantais de palavras que são foneticamente similares e apresentam ao menos um traço fonético-articulatório compartilhado, esses segmentos ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI) ou em ambientes análogos (CAA) e causam distinção de significado das palavras.

34. os fonemas /p/ e /t/ ocorrem em CAI conforme exemplos abaixo:

- |            |          |
|------------|----------|
| a) [ˈpapa] | ‘pai’    |
| b) [taˈta] | ‘fogo’   |
| c) [ˈpua]  | ‘mão’    |
| d) [ˈtua]  | ‘grande’ |

35. os fonemas /p/ e /k/ ocorrem em CAI conforme exemplos abaixo:

- |             |       |
|-------------|-------|
| a) [ˈupa]   | tudo  |
| b) [ˈuka]   | casa  |
| c) [uˈrupu] | urubu |

d) [u'ruku] urucum

36. os fonemas /b/ e /p/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

a) ['binu] 'suco'

b) ['puna] 'espingarda'

37. os fonemas /g/ e /t/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

a) [a'gutʃi] 'cotia'

b) ['tutʃi] 'tio (a)'

38. os fonemas /ʔ/ e /t/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

a) [ʔi'ʔi] 'machado'

b) ['tʃi] 'areia'

39. os fonemas /ʔ/ e /p/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

a) [saʔuai'ara] inimigo

b) [sapuka'tara] animado

40. os fonemas /m/ e /ɲ/ ocorrem em CAI e/ou CAA conforme exemplos abaixo:

a) ['ũmi] 'ver'

b) ['ũɲi] 'água'

c) [ia'mu] 'prato'

d) [ia'ɲi] 'coração'

41. os fonemas /m/ e /n/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

a) ['zumi] 'curandeiro'

b) ['zãna] 'tuxaua'

c) ['tãnu] 'nós'

d) ['tãma] 'cidade'

42. os fonemas /r/ e /n/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

- a) [ruru]                      ‘inchado’
- b) [rãna]                     ‘ela’

43. os fonemas /s/ e /z/ ocorrem em CAI e/ou CAA conforme exemplos abaixo:

- a) [ˈsai]                      ‘dente’
- b) [ˈzai]                      ‘azedo’
- c) [ˈʃisa]                     ‘nome’
- d) [ˈʃizi]                     ‘dia’

44. os fonemas /ʃ/ e /s/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

- a) [ˈʃitu]                     ‘muito’
- b) [ˈsipu]                     ‘para’

45. os fonemas /ʒ/ e /z/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

- a) [ʒiˈno]                     ‘ouvir’
- b) [ˈzãna]                     ‘tuxaua’

46. os fonemas /w/ e /j/ ocorrem em CAA conforme exemplos abaixo:

- a) [ˈjasi]                      ‘lua’
- b) [waˈsai]                    ‘açai’
- c) [aˈwatʃi]                   ‘milho’
- d) [aˈjua]                     ‘flecha’

### 2.3.1.2 Distribuição complementar

O segundo critério da análise fonêmica é a distribuição complementar, em que a ocorrência de determinado fone está condicionada pelo ambiente em que ele se realiza, assim, seus correspondentes ocorrem nos demais ambientes em que ele não se realiza.

Os fones [t] e [tʃ] ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [tʃ] ocorre em *Ataque silábico*, precedendo a vogal anterior alta oral e nasal:

47. a) ['katʃi] 'dentro'  
b) ['tʃĩbu] 'timbó'

b) [t] ocorre nos demais ambientes:

48. a) [ta'rika] 'traíra'  
b) [tu'kɨni] 'rede'  
c) [to'pã] 'trovão'  
d) [pi'tẽma] 'tabaco'

Logo, [t] e [tʃ] são alofones do fonema /t/.

### 2.3.1.3 Quadro de fonemas consonantais

A língua Omágua/Kambebe apresenta um inventário de 16 fonemas consonantais, sendo seis oclusivas, três nasais plenas, um tepe, quatro fricativas e duas aproximantes.

	<b>bilabial</b>	<b>Labiodental</b>	<b>alveolar</b>	<b>pós-alveolar</b>	<b>palatal</b>	<b>velar</b>	<b>glotal</b>
<b>oclusivas</b>	p b		t			k g	ʔ
<b>nasais</b>	m		n		ɲ		
<b>tepe</b>			r				
<b>fricativas</b>			s z	ʃ ʒ			
<b>aproximantes</b>	w				J		

Quadro 3 – Fonemas consonantais

Fonte: autoria própria baseada no modelo do IPA (2005)

No quadro de fones consonantais apresentado anteriormente (cf. quadro 1), verificamos a ocorrência da fricativa glotal /h/ em coda silábica, em sílaba átona, mas não

encontramos sua realização nos segmentos fonológicos consonantais, pois esse segmento não apresenta contraste com outros, por ter ocorrência apenas fonética, está fora do inventário fonológico da língua.

O fone lateral /l/ também está fora do quadro de fonemas, já que em suas três ocorrências (apresentadas a seguir) não encontramos manifestação de contraste com outro som foneticamente semelhante:

49. [lu'aia] 'pouco'

[kua'luka] 'urinar'

Já o encontro consonantal formado por oclusiva velar surda /k/ e lateral /l/ em:

[matʃi'klabu] 'macaco-prego'

ocorre por conta de empréstimo do espanhol “clavo”, que significa “prego”, em que há encontro consonantal que permaneceu no Omágua/Kambeba. No Kokama (VIEGAS), [v] é empréstimo do espanhol e do português e ocorre como alofone de /w/ que ocorre antes de /i/ e /ü/, no Kambeba é substituído pela oclusiva bilabial [b].

As fricativas labiodentais [f] e [v] também não apresentam contraste com outros sons similares e são raros na língua. /f/ em sua única ocorrência ['bifu] também é empréstimo do espanhol “viejo”, que em Kokama do Peru é /'βihu/, no Omágua/Kambeba a glotal [h] é substituída pela labiodental [f], empréstimo do português, já que a língua não possui o fonema glotal /h/ em ataque silábico. [v] possui duas ocorrências, acreditamos que por conta do contato com a língua portuguesa esse fone também entrou na língua.

O fone oclusivo alveolar [d], com três ocorrências na língua não apresenta contraste com outros fones. Assim como ocorre com os fones anteriormente citados em que a ocorrência na língua é rara, estudos futuros e mais dados se fazem necessários para uma classificação e definição desses sons na língua Omágua/Kambeba.

### 2.3.2 Segmentos vocálicos

#### 2.3.2.1 Contraste

Abaixo relacionamos os segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambiente idêntico (CAI) e contraste em ambiente análogo (CAA).

50. os fonemas /i/ e /ɛ/ ocorrem em CAI como nos exemplos abaixo:

- a) [i'moa] 'irmã'  
 b) [ɛ'moa] 'palmeira'

51. os fonemas /e/ e /ɛ/ ocorrem em CAA como nos exemplos abaixo:

- a) [me'ru] 'mosca'  
 b) ['wɛra] 'pássaro'

52. os fonemas /i/ e /u/ ocorrem em CAA como nos exemplos abaixo:

- a) ['iki] 'aquí'  
 b) ['uka] 'casa'

53. os fonemas /a/ e /ã/ ocorrem em CAA como nos exemplos abaixo:

- a) ['katu] 'bom'  
 b) ['kãʃi] 'seis'

54. os fonemas /o/ e /u/ ocorrem em CAA como nos exemplos abaixo

- a) [komu'ɛra] 'língua'  
 b) [ku'mata] 'peneira'

55. os fonemas /i/ e /ĩ/ ocorrem em CAI como nos exemplos abaixo

- a) ['isa] 'macaco'  
 b) [ĩ'da] 'cantar'

#### 2.3.2.2 Variação livre

Na língua encontramos exemplos de variação livre para os segmentos vocálicos, que ocorre quando dois segmentos vocálicos ocorrem livremente em um mesmo ambiente sem causar mudança de significado, quando isso ocorre, apenas um fonema é eleito para representar a variação.

Os fones [e] e [ẽ] ocorrem em variação livre antes das nasais plenas

56. [iasi'ẽna] ~ [iasi'ena] 'lua nova'  
 ['sẽmi] ~ ['semi] 'beijo, lábio'

Assim, [e] e [ẽ] são variantes de um mesmo fonema, a vogal média fechada /e/.

Os fones [u] e [ũ] também ocorrem em variação livre antes das nasais plenas

57. [tu'tũma] ~ [tu'tuma]                    'calção'  
 ['ũɲi] ~ ['uɲi]                                'água'

Dessa forma, os fones [u] e [ũ] são variantes de um mesmo fonema, a vogal alta posterior /u/.

### 2.3.2.3 Quadro de fonemas vocálicos

A língua Omágua/Kambebe apresenta um inventário de 08 fonemas vocálicos, sendo dois altos, dois médio-fechados, um médio-aberto e dois fonemas baixos.

	ANTERIOR NÃO ARREDONDADO		CENTRAL NÃO-ARREDONDADO		POSTERIOR ARREDONDADO	
	oral	Nasal	oral	Nasal	oral	Nasal
<b>alto</b>	i	ĩ			u	
<b>médio fechado</b>	e				o	
<b>médio aberto</b>	ɛ					
<b>Baixo</b>			a	ã		

Quadro 4 – Fonemas vocálicos

Fonte: autoria própria baseada no modelo do IPA (2005)

No quadro de fones vocálicos apresentado anteriormente (cf. quadro 2), verificamos a única ocorrência da vogal central alta [i̠], porém, não encontramos contraste com outros sons foneticamente semelhantes. Reafirmamos, portanto, que esse fone está desaparecendo da língua Omágua/Kambebe, devido ao contato e uso mais frequente da língua portuguesa, que não possui tal som. O referido fone vem sendo substituído pela vogal anterior alta [i], e fica de fora do quadro de fonemas da língua.

Os fones nasais [ẽ] e [ũ] ocorrem antes de consoantes nasais plenas e variam com suas correspondentes orais [e] e [u]. Isso ocorre porque as vogais orais assimilam a nasalidade das consoantes nasais que ocorrem após elas.

O fone posterior médio-aberto [ɔ] ocorre em [nɔ'ɛbi] “nove”, acreditamos que se trata de um empréstimo ou do português ou do espanhol, pois esta foi a única ocorrência desse fone na língua, além de não encontrarmos contraste com outros sons foneticamente semelhantes, por essa razão, está de fora do quadro de fonemas.

#### 2.4 Processos morfofonêmicos

Kindell (1981) afirma que tanto nos estudos gramaticais quanto nos estudos fonológicos a análise morfofonêmica é parte importante, pois tem a função de ligar os sistemas gramatical e fonológico de uma língua.

A autora afirma que são processos divididos em quatro tipos principais, são eles a assimilação e dissimilação, diminuição e aumento, metátese e reduplicação. Na língua Omágua/Kambebe encontramos alguns exemplos de processos morfofonêmicos que ocorrem em fronteira de morfemas. Descreveremos a seguir algumas ocorrências encontradas e esperamos que elas possam servir para futuras análises gramaticais da língua.

Um dos processos que encontramos é o que Kindell (1981, p. 149) chamou de diminuição e aumento do número de fonemas, que ocorre quando vogais ou consoantes são eliminadas ou acrescentadas como forma de manter o padrão silábico preferido de uma língua.

58.

a. <i>Repres. Morfofonêmica</i>	/ai/ /pirakari/ /ipiri/
b. Diminuição de vogal	i
c. <i>Repres. Fonológica</i>	/ai pirakari ipiri/
d. <i>Repres. Fonética</i>	[aipirakaripiri]
	‘eu pesquei peixe’

59.

a. <i>Repres. Morfofonêmica</i>	/ai/ /papuri/ /ipiri/
b. Diminuição de vogal	i

- c. *Repres. Fonológica* /ai papuri ipiri/  
 d. *Repres. Fonética* [aipapuripiri]  
 ‘eu cozinhei peixe’

60.

- a. *Repres. Morfofonêmica* /ai/ /iʃima/ /pua/  
 b. Diminuição de vogal i  
 c. *Repres. Fonológica* /ai iʃima pua/  
 d. *Repres. Fonética* [ai'ʃima'pua]  
 ‘eu lavo a mão’

Nos exemplos acima, observamos que em palavras terminadas com vogal alta anterior [i] em fronteira de palavras iniciadas com o mesmo fone [i], ocorre fusão entre elas e apenas um fonema [i] permanece. O padrão silábico da língua, nesses casos, é mantido, pois no Omágua/Kambebe não há vogais longas nem sílaba do tipo VV, logo, a diminuição da vogal faz a língua manter seu padrão CV mesmo com vogais seguidas em fronteira de sílaba.

Verificamos também a ocorrência de reduplicação e assimilação de vogal do tipo nasalização. Na reduplicação o que ocorre é a repetição completa do radical, conforme vemos a seguir com a palavra [su] ‘carne’, que é repetida:

61.

- a. *Repres. Morfofonêmica* /manuta/ /su/  
 b. Reduplicação completa su  
 c. Nasalização u  
 c. *Repres. Fonológica* /manuta su/  
 d. *Repres. Fonética* [manutasũsu]  
 ‘carne de caça’

Além da reduplicação, [su] também recebe o processo de assimilação do tipo nasalização na vogal [u]. A assimilação torna um fonema ou um morfema mais parecido com um fonema que o influencia ou o condiciona, essa assimilação pode ser progressiva, ou regressiva. A vogal oral [u] assimila a nasalidade da consoante nasal [n] de [manuta], que o precede.

Neste capítulo apresentamos a descrição fonética dos sons da língua seguida de descrição fonológica e de alguns processos morfofonêmicos. Com a descrição fonética

verificamos a distribuição dos fones consonantais e vocálicos, com a análise fonológica foram definidos os fones e os alofones que contribuíram para a composição dos quadros de fonemas consonantais e vocálicos. Como dissemos, apresentamos apenas alguns processos morfofonêmicos de forma preliminar que observamos na análise dos dados.

No capítulo seguinte apresentaremos a análise da estrutura silábica da língua Omágua/Kambeba.

### CAPÍTULO 3 – ESTRUTURA DA SÍLBA

Apresentaremos neste capítulo uma análise da estrutura da sílaba da língua Omágua/Kambeba, a identificação das características fonéticas e fonológicas que determinam o padrão silábico da língua além da definição desse padrão silábico. Utilizamos os pressupostos teóricos da Fonologia Autossegmental (fonologia não-linear) que considera a sílaba como parte da organização prosódica, com seus constituintes organizados hierarquicamente. As análises estão baseadas nos trabalhos de Goldsmith (1976, 1990 e 1995), Katamba (1989), Gussenhoven e Jacobs, (1998) e Spencer (2005).

Pike, K. e Pike, E.(1947) já haviam denominado uma estrutura silábica composta por um *Onset*, um *Peak* (núcleo) e uma *Coda*, porém não consideravam os elementos *núcleo* e *coda* subordinados à *rima*. Outros autores da fonologia não-linear sistematizaram essa definição em termos de hierarquia dos elementos que a constituem, como Selkirk (1982) e Kenstowicz (1994), e consideram a sílaba como uma estrutura constituída hierarquicamente por um elemento opcional denominado Ataque (*Onset*), e por outro obrigatório, denominado Rima (*Rhyme*), a *Rima* se subdivide em *Núcleo*, obrigatório, e *Coda*, também opcional, conforme a figura abaixo:

62.

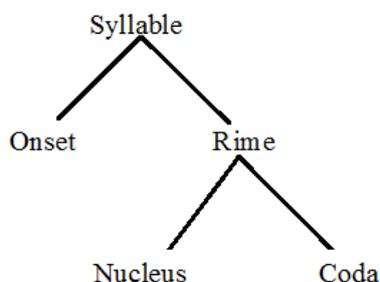


Figura 7 – Constituintes da sílaba  
 Fonte: Baseado em Kenstowicz (1994, p.253).

A Hierarquia de Sonoridade (KENSTOWICZ, 1994) também é analisada na sílaba, que em sua constituição interna é formada por sons consonantais e por sons vocálicos. A sonoridade alcança seu maior ponto no núcleo da sílaba e seus menores pontos no ataque e na coda.

A sonoridade está relacionada ao grau de obstrução da passagem de ar, logo, os segmentos com maior sonoridade são mais baixos (vogais), e os segmentos com menor

sonoridade (obstruintes) são mais altos, formando a escala de sonoridade. Essa escala de sonoridade pode ser descrita da seguinte forma:

Glide > Líquida > Nasal > Obstruinte

Por fim, correlacionar escala de sonoridade com estrutura silábica permite compreender alguns fenômenos fonológicos, conforme apresentaremos adiante.

### 3.1 Hierarquia de sonoridade

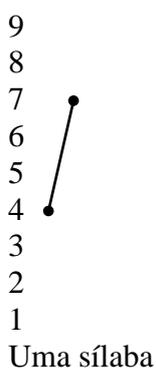
A língua Omágua/Kambeba apresenta a seguinte escala de sonoridade, que foi baseada nos estudos de Silva (2006) para a língua Mawé, que seguiu o modelo proposto por Hogg e McCully (1987):

Descrição	Fonemas	Valor de Sonoridade
Vogal baixa	/a/	9
Vogais médias	/e, o, ε/	8
Vogais altas	/i, u/	7
Aproximantes	/w, j/	6
Tepe	/r/	5
Nasais	/m, n, ŋ/	4
Fricativas	/s, z, ʃ, ʒ/	3
Oclusivas sonoras	/b, g/	2
Oclusivas surdas	/p, t, k, ʔ/	1

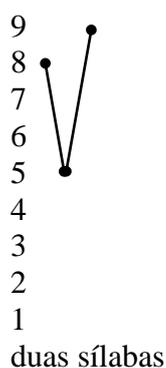
Quadro 5 – Hierarquia de sonoridade  
Fonte: autoria própria.

Abaixo, aplicamos a escala de sonoridade às seguintes palavras da língua Omágua/Kambeba:

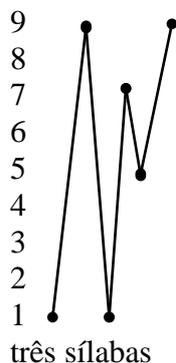
63. a) /mi/ “tu”



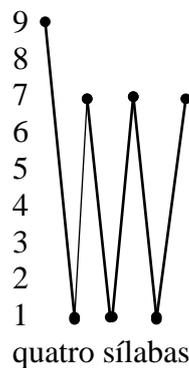
b) /<sup>l</sup>εra/ “novo”



c) / ta'pɪra / “anta”



d) / atu'kupi/ “costas”



Conforme análise do número de sílabas dos exemplos citados, verificamos que os segmentos vocálicos apresentam maior valor na escala de sonoridade que os segmentos consonantais, concluímos então que os segmentos vocálicos constituem o núcleo silábico, pois seu pico coincide com o número de sílabas.

### 3.2 Tipos e distribuição silábica

Os tipos silábicos encontrados na língua Omágua/Kambeba são três **V**, **CV** e **CVC**. As sílabas do tipo **V** podem ocorrer em posição inicial e medial de palavra, além de poder ser preenchida por qualquer segmento vocálico. As sílabas do tipo **CV** podem ocorrer em posição inicial, medial e final de palavra, além de constituir palavras isoladas, embora em pouca quantidade, também admite para a posição de *ataque* (**C**) qualquer segmento consonantal e para posição de núcleo qualquer segmento vocálico. As sílabas do tipo **CVC** não constituem palavras isoladas e podem ocorrer em posição inicial e medial de palavra, a *coda* desse tipo silábico só é preenchida por um segmento consonantal e sua ocorrência na língua é muito baixa. Como vimos, os tipos silábicos mais comuns na língua são **V** e **CV**. Abaixo apresentamos exemplos de cada tipo:

-V-

V.CV-	a. /u.mi/	“ver”
V.CV.CV-	b. /u.pa.ku/	“pacu”
CV.CV.V.CV-	c. /ko.mu.ɛ.ra/	“língua”

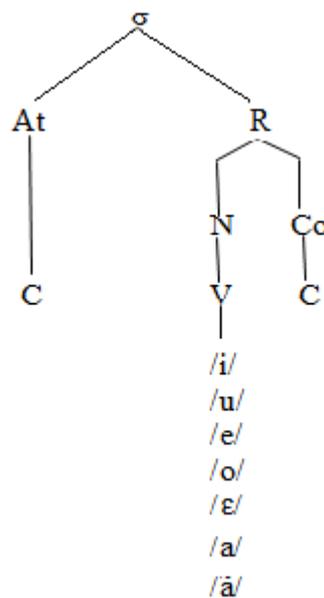
-CV-		
CV-	a. /ti/	“nariz”
CV.CV-	b. /mi.si/	“gato”
V.CV.CV-	c. /i.nu.pa/	“bater”
CV.CV.V.CV-	d. /ʒe.ne.u.ma/	“correr”
CV.CV.CV.CV-	e. /ma.pa.ma.ma/	“abelha”

-CVC-		
CVC.CV-	a. /mis.ki/	“mel”
CV.CVC.CV-	b. /tu.kas.ka/	“tocador de música”

Como vimos, na língua Omágua/Kambebe há sílabas compostas apenas por *Núcleo* (V), por *Ataque* e *Núcleo* (CV), por *Ataque*, *Núcleo* e *Coda* (CVC).

Em relação aos constituintes internos da sílaba, podemos afirmar que qualquer fonema vocálico pode ocupar a posição de *Núcleo*, conforme demonstrado abaixo:

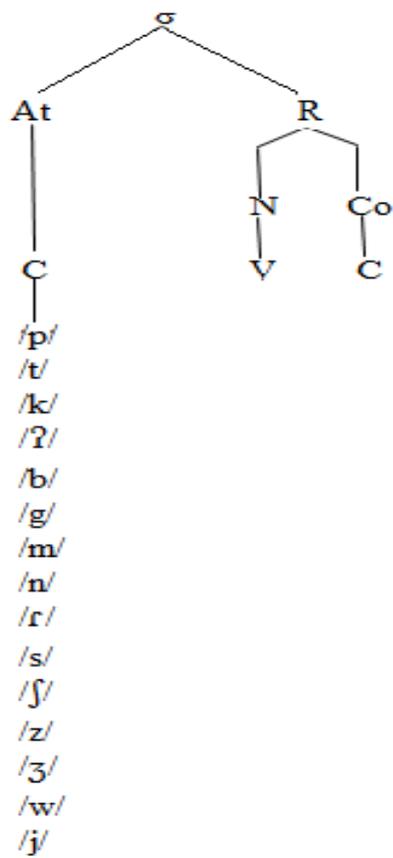
64.



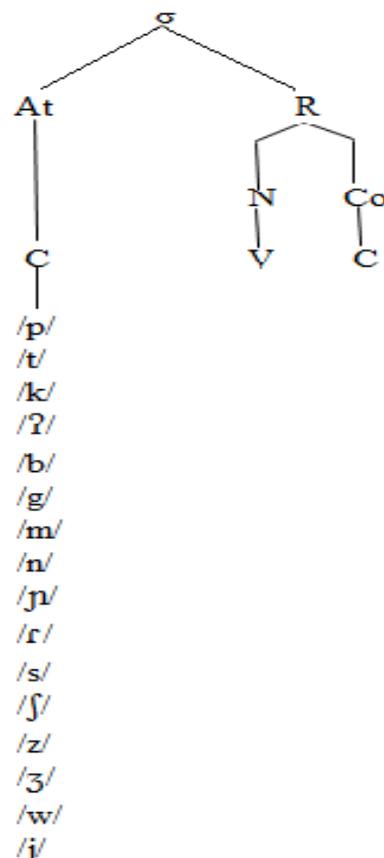
Todos os fonemas consonantais ocorrem em *Ataque* de sílaba, com exceção de /ɲ/, que ocorre apenas em *Ataque* de sílaba em posição medial, não aparecendo em posição inicial de palavra.

65.

a) Início de palavra (#\_\_\_)



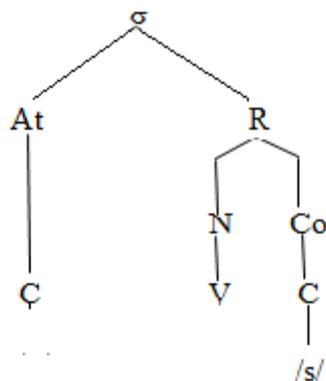
b) Não iniciando palavra (#\_\_\_)



De acordo com os dados desta pesquisa, somente a fricativa alveolar surda e a fricativa glotal surda ocorrem em *Coda* silábica em início e meio de palavra, em apenas quatro palavras da língua:

66.

a) Início e meio de palavra (\_\_\_#)



Neste estudo, determinamos como padrão silábico da língua Omágua/Kambeba as duas estruturas mais comuns, V e CV, pois o tipo CVC é restrito somente à fricativa alveolar e à fricativa glotal surda, que ocorrem em apenas quatro palavras.

Quanto às vogais orais, todas ocorrem nos dois tipos silábicos sem restrições, apenas a vogal nasal ocorre em posição medial de palavra.

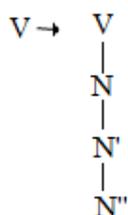
### 3.3 Silabificação

Conforme visto anteriormente, a sílaba se constitui por um *Ataque* e por uma *Rima*, que por sua vez, é constituída por um *Núcleo* e uma *Coda*. O *Núcleo* é um componente obrigatório e é a base da sílaba, já o *Ataque* e a *Coda* são elementos opcionais. De acordo com Kenstowicz (1994) o *Núcleo* é parte essencial e dele a sílaba se distribui, a ele é atribuído um elemento menos consonantal e ao *Ataque* e à *Coda* um elemento mais consonantal, constituindo, assim, regras internas de distribuição na sílaba.

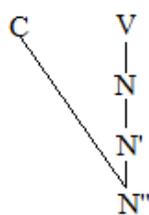
A seguir, apresentamos as regras de silabificação mais comuns nas línguas do mundo (KENSTOWICZ, 1994).

67.

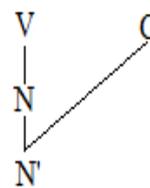
a)



b)



c)



As duas regras mais comuns de silabificação são (a) e (b), que restringem o padrão a V e CV, entretanto muitas línguas também adicionam um segmento à *Coda*, conforme (c) e aumentam, dessa forma, seus padrões silábicos, como é o caso de CVC.

As regras apresentadas são aplicadas conforme a ordem acima. Com isso, seqüências VCV são silabificadas V.CV, com um único elemento intervocálico em posição de *Ataque* na segunda sílaba, já a silabificação VC.V é incomum e pode ocorrer devido a regras muito específicas de determinada língua.

Conforme os padrões silábicos apresentados, podemos postular a silabificação na palavra /misi/ 'gato', da língua Omágua/Kambeba seguindo os passos postulados por

Kenstowicz, que são: a) atribuição do *Núcleo*, b) atribuição do *Ataque* e c) atribuição da *Coda* (quando houver).

68.



A língua Omágua/Kambeba, bem como em outras línguas do mundo, utiliza a regra apresentada em (b) e obtêm padrões dos tipos V e CV, como consequência, não há palavras iniciadas ou terminadas por sequência de consoantes e em meio de palavra.

### 3.4 Glides

Nas línguas, alguns segmentos são foneticamente ambíguos, como é o caso dos fones bilabial [w] e palatal [j], porque podem ser interpretados como vogal (V) ou como consoante (C) (BURQUEST, 1998).

Candido (1998) afirma que os questionamentos teóricos referentes à classificação dos dois segmentos devem ser tratados como constituintes silábicos, já que as teorias não-lineares tratam de glides e vogais de acordo a função dessas estruturas na sílaba. Conforme a autora, baseada em Selkirk (1982), se o segmento ocupa a posição de *Núcleo* na sílaba, é tratado como vogal, se ocupa as posições de *Ataque* ou *Coda*, é tratado como, glide.

Temos, então, duas possibilidades, se os segmentos bilabial [w] e palatal [j] ocorrem em início de palavra, são interpretadas como consoantes:

69. [w]

- a) [wa'sai]                      'açai'
- b) [wa'tari]                      'andar'

70. [j]

- a) [ja'pukɐ]                      'banco'
- b) [ja'nipa]                      'jenipapo'

Se os segmentos ocorrem em sequência com vogais, são interpretadas mais como vogais que como consoantes. As sequências de vogais que envolvem [i] e [u] formam glides, pois os dois segmentos vocálicos possuem um mesmo núcleo.

A língua Omágua/Kambebe possui os segmentos [w] e [j], além de encontrarmos também sequências de segmentos vocálicos constituintes de uma mesma sílaba. Foneticamente, a bilabial [w] é muito similar à vogal posterior alta [u], o mesmo ocorre com a palatal [j] e a vogal anterior alta [i]. Sendo assim, passaremos à análise de sequências [wV] e [jV] em posição inicial e medial de palavra, pois, foneticamente, não temos evidências suficientes que nos leve a representar tais segmentos.

#### 3.4.1 Sequências de segmentos em *Ataque*

Na língua Omágua/Kambebe, sequências de segmentos ambíguos que envolvem vogais altas ocorrem em posição inicial e em posição medial de palavra. Para Kindell (1981), para interpretação desses segmentos ambíguos é feita também a interpretação de segmentos não-ambíguos, pois eles fornecem o padrão para interpretação dos segmentos ambíguos.

71.

- |    |                       |                 |
|----|-----------------------|-----------------|
| a) | [ta.'pi.ra]           | ‘anta’          |
| b) | [ja.si]               | ‘lua’           |
| c) | [ta.ja.su]            | ‘porco-espinho’ |
| d) | [ <sup>h</sup> pu.na] | ‘espingarda’    |
| e) | [wa'tari]             | ‘andar’         |
| f) | [wa.ta]               | ‘asa’           |

Partimos para a análise dos segmentos retomando a estrutura silábica da língua e os padrões que não apresentam ambiguidade, como nos exemplos (a) e (d), em que os segmentos vocálicos [a], [i] e [u] são vogais que ocupam a posição de núcleo da sílaba, já que são os elementos mais sonoros da sequência e os segmentos oclusivos surdos [t] e [p], o tepe alveolar [r] e a nasal [n] são as consoantes, já que apresentam menor sonoridade que as vogais e estão ocupando posições adjacentes ao núcleo. Dessa forma, analisamos a sequência desses segmentos a partir da estrutura silábica da língua, em que

consoantes e vogais são tratados em termos fonológicos e seguimos o padrão CV para outros exemplos.

Há possibilidade de uma segunda interpretação para os segmentos ambíguos, pois se considerarmos o padrão silábico CV para (a) e (d), para os outros exemplos o padrão silábico seria VV, ou seja, teríamos dois padrões, porém, o padrão silábico CV é mais comum no Omágua/Kambeba.

Consideramos, então, a estrutura silábica da língua e seguimos o padrão silábico CV para interpretação de segmentos [wV] e [jV], ou seja, quando os segmentos [u] e [i] ocuparem posição de *Ataque* silábico, passam a se comportar como consoantes e são convertidas em glides graças à pressão da estrutura silábica, que as adapta ao padrão silábico CV, conforme segue:

72.

a) CV.CV.CV	/tapira/	[ta.'pi.ra]	‘anta’
b) CV.CV	/jasi/	[ <sup>1</sup> ia.si]	‘lua’
c) CV.CV.CV	/tajasu/	[ta.'ia.su]	‘porco-espinho’
d) CV.CV	/puna/	[ <sup>1</sup> pu.na]	‘espingarda’
e) CV.CV.CV	/watari/	[ua'tari]	‘andar’
f) CV.CV	/wata/	[ <sup>1</sup> ua.ta]	‘asa’

Analisaremos agora os segmentos ambíguos em posição de *Coda* silábica.

### 3.4.2 Sequencias de segmentos em *Coda*.

Em Omágua/Kambeba, também encontramos os segmentos [i] e [u] em posição final de sílaba, conforme os seguintes exemplos:

73.

a)	[mui.'tu.ra]	‘minhoca’
b)	[su' <sup>1</sup> rui]	‘surubim’
c)	[a.' <sup>1</sup> niu]	‘algodão’
d)	[a' <sup>1</sup> kau]	‘cacau’

Esses segmentos são considerados ambíguos e para sua interpretação temos duas possibilidades. A primeira possibilidade é considerar o padrão silábico da língua e verificar se os segmentos ambíguos ocorrem na mesma posição que os segmentos não

ambíguos ocorrem. A segunda possibilidade é verificar se ocorrem sequências vocálicas formadas por vogais em posição final de sílaba e a não ocorrência de consoantes.

O padrão silábico da língua, conforme vimos, é CV, o tipo silábico CVC que ocorre com a fricativa surda /s/ em posição de *Coda* restringe-se a apenas duas ocorrências, logo, este não constitui padrão silábico da língua nem pode exercer pressão sobre os segmentos ambíguos em *Coda*. Dessa forma, não podemos considerar os segmentos [i] e [u] como consoantes

A segunda possibilidade de interpretação apresentada, é a verificação de sequências de vogais formadas por vogais médias e baixas em posição final de sílaba, que ocorrem em Omágua/Kambeba

74.

- |                |            |
|----------------|------------|
| a) [janue'ata] | ‘ao lado’  |
| b) [ε'moa]     | ‘palmeira’ |
| c) [pu'eta]    | ‘pé’       |
| d) [a'mua]     | ‘outro’    |

As vogais distribuídas nos dados acima (73 e 74) nos levam a interpretar os segmentos [i] e [u] como vogais, pois, como vimos, encontramos sequências com vogais médias e baixas, e são pouco provavelmente glides. Por isso, em posição final de sílaba, os segmentos [i] e [u] são considerados vogais.

Por fim, quando os segmentos ambíguos ocorrem entre consoantes e em final de palavras, exercem função de vogal, pois são os elementos mais sonoros da sequência.

## CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACENTO

A maioria das línguas do tronco Tupi possui acento previsível que recai na última sílaba da palavra (SEKI, 2000). Diferentemente dessas línguas, o padrão acentual da língua Omágua/Kambeba pode ser considerado imprevisível, pois pode ocorrer tanto na penúltima quanto na última sílaba, assim como ocorre com o Nheengatu (CRUZ, 2011).

Em palavras simples, que podem se constituir por uma ou mais sílabas, encontramos exemplos de ocorrência do acento tanto na penúltima como na última sílaba. Os exemplos abaixo demonstram a ocorrência do acento em palavras com duas sílabas, seguidas de palavras com mais de duas sílabas, (a) e (b), respectivamente:

75.

a)	Penúltima sílaba		Última sílaba	
	[ <sup>1</sup> iki]	aqui	[ <sup>1</sup> ʃu <sup>1</sup> ʃu]	chorar
	[ <sup>1</sup> ku <sup>1</sup> ʃi]	porco	[ <sup>1</sup> me <sup>1</sup> ru]	mosca
	[ <sup>1</sup> muta]	barba	[ <sup>1</sup> to <sup>1</sup> pa]	trovão
	[ <sup>1</sup> su <sup>1</sup> ni]	preto	[ <sup>1</sup> zi <sup>1</sup> no]	ouvir
	[ <sup>1</sup> ʃira]	nome	[ <sup>1</sup> ja <sup>1</sup> mu]	prato
	[ <sup>1</sup> saku]	quente	[ <sup>1</sup> ta <sup>1</sup> ta]	fogo
b)	Penúltima sílaba		Última sílaba	
	[ <sup>1</sup> u <sup>1</sup> paku]	pacu	[ <sup>1</sup> ipi <sup>1</sup> rai]	piranha
	[ <sup>1</sup> i <sup>1</sup> piri]	peixe	[ <sup>1</sup> suku <sup>1</sup> ri]	sucuri
	[ <sup>1</sup> i <sup>1</sup> tika]	jogar	[ <sup>1</sup> siri <sup>1</sup> ri]	grilo
	[ <sup>1</sup> ta <sup>1</sup> pira]	anta	[ <sup>1</sup> waka <sup>1</sup> mai]	arara
	[ <sup>1</sup> mi <sup>1</sup> kuri]	mucura	[ <sup>1</sup> aka <sup>1</sup> ra]	cará (peixe)
	[ <sup>1</sup> ita <sup>1</sup> zapa]	zagaia	[ <sup>1</sup> kana <sup>1</sup> rua]	perna

Conforme vimos acima nos exemplos, não há como prever com regularidade onde o acento irá recair, mas sabemos que será em uma das duas últimas posições. Essa mesma irregularidade ocorre com a língua portuguesa, porém, é sabido que o acento só pode recair nas três últimas sílabas, o acento nessa língua, portanto, não é livre, mas segue uma regra

interna própria (COLLISCHONN, 2001). Assim, o Omágua/Kambeba não acompanha a maioria das línguas do tronco Tupi, que possuem acento previsível na última sílaba, mas tem um padrão semelhante ao Nheengatu, pois possui uma regularidade, ele recai ou na penúltima ou na última sílaba.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da língua Omágua/Kambeba nesta dissertação apresenta aspectos do povo, seus costumes, tradições e novos momentos vividos, além da descrição do seu sistema fonético-fonológico.

Nosso trabalho foi realizado junto aos professores da aldeia Tururukari-uka, no município de Manacapuru, Amazonas. A língua majoritária na comunidade é o português, porém os idosos e adultos ainda falam a língua, que é ensinada na escola indígena para as crianças. Nossos colaboradores mais diretos foram Filipe e Marlete Cruz, primos, professores da comunidade, as coletas de dados ocorreram em 2014 na cidade de Beruri, onde os dois participavam de uma formação de professores indígenas, e posteriormente, na aldeia em Manacapuru.

A língua que resistiu e ressurgiu pode ser documentada e analisada. Além dos aspectos culturais e sociais do povo, apresenta-se um esboço da fonética e da fonologia da língua com a descrição de vinte e um fones consonantais e doze fones vocálicos, que após análise fonológica baseada em Pike (1947) constituíram quadros com dezesseis fonemas consonantais /p/, /b/, /t/, /k/, /g/, /ʔ/, /m/, /n/, /ɲ/, /r/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /w/ e /j/ e oito fonemas vocálicos /i/, /ĩ/, /u/, /e/, /o/, /ɛ/, /a/ e /ã/.

Fizemos ainda considerações sobre a estrutura silábica, dos processos de silabificação, além do padrão acentual da língua, considerando a tipologia desses padrões em línguas Tupi, principalmente as da família Tupi-Guarani.

Ao estudarmos a estrutura silábica da língua, foram definidos os tipos V e CV como padrões para o Omágua/Kambeba. As sequências de segmentos ambíguos da língua foram tratadas em duas partes, a primeira em posição de *Ataque* e a segunda em posição de *Coda*. Em *Ataque*, o uso das vogais altas [i] anterior e [u] posterior causavam ambiguidade, que foi resolvida graças à pressão estrutural da língua, elas passam, então, a ser consideradas como aproximantes bilabial [w] e [j]. Em *Coda* os segmentos ambíguos [i] e [u] são analisados como vogais.

Quanto ao acento, fizemos apenas um levantamento de sua ocorrência em palavras simples. Nesse levantamento, observamos que o acento em Omágua/Kambeba recai sobre a penúltima e sobre a última sílaba, fenômeno diferente de outras línguas do tronco Tupi, em que o acento recai na última sílaba. Reiteramos que outros estudos sobre o acento em palavras compostas e em palavras fonológicas precisam ser feitos.

A descrição fonológica preliminar da língua Omágua/Kambeba é, assim, uma pesquisa de análise, descrição e documentação linguística que visa contribuir para os estudos de classificação e constituição do tronco linguístico tupi, principalmente da família Tupi-Guarani e, mais indiretamente, para o resgate linguístico e social da língua para o povo Omágua/Kambeba, que vê na língua uma questão de identidade como indígena pertencente a uma etnia e com uma língua própria. Sabemos que muitas questões ainda precisam ser resolvidas, outras aldeias que possuem falantes também precisam ser estudados, e que estudos posteriores são necessários para que haja, enfim, uma melhor descrição da língua.

## REFERÊNCIAS

ACUÑA, Cristóbal de. Novo Descobrimento do Rio Amazonas. Edição, tradução e introdução ESTEVES, Antônio R. Coleção Orellana. Uruguai, 1994.

ANDERSON, S.R. *Inflectional morphology*. In: SHOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description: grammatical categories and the lexicon*, v. III. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, cap. 3. pp. 150-201. 1985.

BONIN, Iara Tatiana & SILVA KAMBEBA, Raimundo Cruz da ( Orgs.) **Aua**: Kambeba a palavra da aldeia Nossa Senhora da Saúde. Brasília: Cimi/Unicef, 1999.

BREVES, Núbia do Socorro Pinto. *Conhecimento Omágua/Kambeba e a educação em Ciências: um estudo na Escola Municipal Três Unidos – Aula Kambeba no Rio Cuieiras/Baixo Rio Negro*. Manaus: UEA , 2013.

BYBEE, J.L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Vol. 9. **Typological studies in language** (TSL). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co. 1985.

CABRAL, Ana Suelly. *Contact-induced language change in the Western Amazon: The nongenetic origin of the Kokama language*. University of Pittsburgh, PhD dissertation. 1995.

\_\_\_\_\_. *Different histories, different results: The origin and development of two Amazonian languages*. **Papia** 21(1): 9-22. 2011.

CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso e ACUÑA, Cristóbal de. **Descobrimento do rio da Amazonas**. Traduzido e anotado por C. de Melo Leitão. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1941. (Série 5-Brasílica, Vol.203).

CASTELNEAU, F. de. *Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro aLima, et de Lima au Para*. *Histoire du Voyage*. Paris. 1950

CHANTRE y HERRERA, P. J. *Historia de las misiones de la Compañia de Jesus en el Marañon Espanol (1637-1767)*. Madrid: n.p. 1901.

FRITZ, S. O diário do Padre Samuel Fritz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Vol8t, 353-397. [1686-1723]1918

GLEASON, H. A. Jr. **Introdução à Linguística Descritiva**. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1978.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Características Gerais dos Indígenas. Censo 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_gerais\\_indigenas/default\\_caracteristicas\\_gerais\\_indigenas.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm)>. Acessado em: 13 de novembro de 2015.

JENSEN, J.T. *Morphology: word structure in generative grammar*. **Series IV – Current Issues in Linguistic Theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co. 1990

KAUFMAN & BERLIN. **South American indian language documentation project questionnaire**. University of Pittsburgh & University of Califórnia at Berkeley. Ms. 1987.

KIBRIK, A.E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistic (Setting up the Problem)**. Mouton. The Hague, Paris, 1977.

KINDELL, G. E. **Guia de Análise Fonológica**. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1981.

MACIEL, Benedito. “*Afirmção étnica e movimento indígena em Tefé: o caso dos Cambeba*”. In **SOMANLU - Revista de Estudos Amazônicos**, ano 5, n. 1, jan./jun, 2005.

MARCOY, Paul. *Voyage de l’océan Pacifique a l’Ocean Aylantic, a travers l’Amerique du Sud. Le Tour du Monde, Nouveau Journal de Voyage*. Paris 2:81152. 1866.

MARCOY, Paul. **Viagem pelo rio Amazonas**/ tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 2 Ed. em português. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

MICHAEL, L. *On the Pre-Columbian Origin of Proto-Omagua-Kokama*. **Journal of Language Contact** 7(2): 309-344. 2014.

O’HAGAN, Zachary, LEV Michael and ROSA Vallejos. *Hacia la reconstrucción morfológica del proto-omagua-kokama*. Conference on Indigenous Languages of Latin America VI, Austin, 2013. Disponível em

[http://linguistics.berkeley.edu/~zjohagan/pdflinks/ohagan&michael&vallejos\\_cilla\\_vi\\_pok\\_morphology\\_v8.pdf](http://linguistics.berkeley.edu/~zjohagan/pdflinks/ohagan&michael&vallejos_cilla_vi_pok_morphology_v8.pdf) Acesso em: 23 jul. 2014

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax. A guide for field linguistic.** Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

PIKE, K. **Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writing.** Ann Arbor, University of Michigan Press, 1947

PORRO, Antônio. **As Crônicas do Rio Amazonas** / Tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

RIVET, Paul. Les langues Guaranis du Haut-Amazone. *Journal de la Societe des Americanistes de Paris*, 7:149:178. 1910.

RODRIGUES, A.D. *Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani.* **Revista de Antropologia** 27/28:33-53. 1984-1985.

\_\_\_\_\_. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Edições Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.* DELTA, v. 9, n. 1, p. 83-103. 1993.

\_\_\_\_\_. **Biodiversidade e diversidade etnolinguística na Amazônia.** In Maria do Socorro Simões. (Org.). *Cultura e biodiversidade entre o rio e a floresta*, 1 ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001, v. 1, p. 269-278

RODRIGUES, Aryon and CABRAL, Ana Suelly. *Evidências de crioulização abrupta em Kokáma?* **Papia** 13: 180-186. 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura* v. 57, n. 2, pp. 35-38. 2005

SAMARIN, William J. **FIELD LINGUISTICS. A Guide to Linguistic Field Work,** Hold, Rinechart and Winston. New York, 1967.

SELKIRK, E. *The Syllable*. In: HULST; SMITH. (eds.). **The Structure of Phonological Representations** (Part II). Dordrecht Foris. p. 337-383. 1982.

SILVA, Úrsula Andréa de Araújo. **Samuel Fritz: A construção de uma imagem santa**. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008.

SILVA, Márcia Vieira da. **Reterritorialização e identidade do povo Amágua-Kambeba na aldeia Tururucari**- Uka/Márcia Vieira da Silva. Dissertação de mestrado. Manaus, AM: UFAM, 2012.

URIARTE, Manuel J.. *Diario de un Misionero de Maynas, 2vols*. Madrid: Instituto Santo Toribio de Mogrovejo. [1755] 1952